



**Arboreto do
Sítio Dona Teresa**

Paolo Alessandro Rodrigues Sartorelli
Paulo Daniel Guimarães Guerra de Rezende
Geovana de Andrade dos Santos

VOLUME 1

Arboreto do
Sítio Dona Teresa

Uberlândia, novembro de 2025



© Arboreto do Sítio Dona Teresa – volume 1

Autores

Paolo Alessandro Rodrigues Sartorelli
Paulo Daniel Guimarães Guerra de Rezende
Geovana de Andrade dos Santos

Textos

Paolo Alessandro Rodrigues Sartorelli
Geovana de Andrade dos Santos

Projeto gráfico e diagramação

Ana Cristina Silveira/Anacê Design

Revisão bibliográfica

Paolo Alessandro Rodrigues Sartorelli
Geovana de Andrade dos Santos

Identificação botânica

Paolo Alessandro Rodrigues Sartorelli

Fotos

Paolo Alessandro Rodrigues Sartorelli (*exceto quando indicado crédito específico*)

Foto da capa

© Paulo Daniel Guimarães Guerra de Rezende

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Sartorelli, Paolo Alessandro Rodrigues

Arboreto do Sítio Dona Teresa / Paolo Alessandro Rodrigues Sartorelli, Paulo Daniel Guimarães Guerra de Rezende, Geovana de Andrade dos Santos. -- 1. ed. -- Uberlândia, MG : Baobá Florestal, 2025.

Bibliografia.

ISBN 978-85-45549-01-7

1. Árvores - Brasil 2. Dendrologia - Estudo 3. Flora - Brasil 4. Plantas (Botânica)
I. Rezende, Paulo Daniel Guimarães Guerra de. II. Santos, Geovana de Andrade dos. III. Título.

25-320270.0

CDD-582.16

Índices para catálogo sistemático:

1. Plantas : Botânica 581.4

Henrique Ribeiro Soares - Bibliotecário - CRB-8/9314

Prefácio

Conheci Paulo Daniel em 2019, quando atuei como professor na Escola de Botânica, durante um curso de identificação de árvores realizado em São Paulo. Na ocasião, mesmo em um gelado dia de inverno na capital paulista, Paulo Daniel destacou-se como um aluno genuinamente sedento por informação e conhecimento sobre a botânica de árvores.

Essa paixão pelas plantas está profundamente enraizada em sua trajetória como silvicultor, ofício que exerce há mais de 30 anos, cultivando árvores para fins comerciais. Paralelamente, porém, Paulo Daniel passou a desenvolver, com entusiasmo e espontaneidade, uma impressionante coleção de plantas tanto em seu Sítio Dona Teresa quanto na Fazenda Quilombo.

Com o tempo, seus jardins botânicos particulares foram tomando forma e expressão, até alcançarem uma diversidade tão rica que tornou-se necessário registrá-la em livros. Ao me convidar para conhecer suas coleções, fiquei verdadeiramente impressionado com a variedade e o cuidado dedicados a cada espécie. Reunidas, essas coleções abrigam mais de 2.500 espécies entre árvores, arbustos, palmeiras, ervas e cipós — nativas ou exóticas —, o que representou um enorme desafio para a estruturação desta obra.

Diante da grandeza desse acervo, optamos por fazer um recorte inicial, contemplando nesta primeira publicação as árvores e algumas palmeiras. Assim, convidamos você, leitor(a), a conhecer uma parte do universo que Paulo Daniel construiu com tamanha dedicação e zelo. Certamente, nada substitui a experiência de estar fisicamente em seus arboretos, mas esperamos que este livro desperte em você o desejo de conhecê-los — e de mergulhar nesse mundo fantástico e gigantesco chamado botânica.

Paolo A. R. Sartorelli
Engenheiro florestal

Apresentação

Faz pouco tempo, caminhando pelo jardim da chácara D. Teresa, fui tomado pela ideia de catalogar as árvores ali existentes – tantas e tão diversas, plantadas ao longo das últimas décadas. Esse gosto por obter mudas, pequenas árvores, e entregá-las à terra me acompanha desde os sete anos de idade, quando meu pai me chamou para ajudar no plantio de uma mangueira no quintal da casa onde morávamos, na Rua Francisco Alves, em Uberlândia. Jamais esqueci aquela cena: o cuidado, o carinho, o gesto simples que inaugurou em mim um vínculo profundo com o mundo vegetal.

Na mesma época, eu já me encantava com as inúmeras espécies do sítio. Mas foi apenas em 1998, diante da necessidade urgente de recuperar a margem direita do Rio Uberabinha – então marcada por uma enorme fissura que ameaçava engolir parte da propriedade – que, preocupado com o barranco, decidi povoá-lo de árvores. Foi quando o brilhante professor e engenheiro florestal Ascanio Maria de Oliveira conseguiu, junto ao IEF de Uberaba, quinhentas mudas germinadas em saquinhos plásticos, todas de espécies nativas do Cerrado. Fomos juntos, numa caminhonete F-4000, buscar aquelas pequenas promessas: carregá-las, transportá-las e, por fim, descarregá-las na chácara.

Após aquele primeiro gesto, entusiasmei-me de vez com a causa. Desde então, de modo constante e ininterrupto, já plantamos cerca de mil árvores somente na chácara.

Com o tempo, surgiu também o hábito de recolher sementes durante minhas viagens. Encontradas em estradas, praças, trilhas, margens de rios ou oferecidas por mãos generosas, muitas delas vieram comigo no bolso ou na mochila. Ao chegar em casa, eu as depositava na terra, acompanhando com paciência seus primeiros sinais de vida. Hoje, ao caminhar pela propriedade, vejo algumas dessas sementes transformadas em grandes árvores.

Com esse movimento crescente, a necessidade de cuidar dessas pequenas vidas de forma mais organizada se impôs. Assim nasceu o viveiro de mudas – uma instalação simples, onde sementes viajantes, mudas do Cerrado e brotos espontâneos encontram abrigo para crescer até ganhar força suficiente para seguir ao chão definitivo.

Ao longo desses anos, muitos acontecimentos transformaram o lugar. Precisamos suprimir intencionalmente grandes e perigosas árvores – eucaliptos citriodora, mangueiras, pinheiros – indivíduos que, pelo risco que ofereciam, precisaram ceder espaço. Outras caíram sem aviso: foram quatro eucaliptos citriodora de trinta metros de altura que tombaram acidentalmente, além de tantas outras mortes silenciosas.

A natureza fala e sua mensagem é clara: por mais que plantemos, cuidemos e observemos, não temos controle algum sobre o destino de cada indivíduo. Viver em um bosque é aceitar o desafio cotidiano de coabitar com inúmeras outras vidas – animais, plantas, fungos – que seguem seus próprios ritmos e suas próprias leis.

Outro elemento decisivo na forma atual do arboreto foram as repetidas podas de galhos, necessárias tanto para otimizar a entrada de luz quanto para preservar a harmonia estética. Um trabalho árduo e arriscado, realizado com maestria pelo competente Oswaldo.

O que hoje mais me impressiona é a maturidade do jardim: um lugar onde novas árvores nascem espontaneamente, dispersas por suas matrizes, num gesto natural de continuidade. Uma palavra resume bem esse ecossistema: cooperação. Os indivíduos facilitam a vida uns dos outros, sustentam-se mutuamente, como se o bosque respirasse em uníssono.

Agradeço imensamente aos que ajudaram a plantar e cuidar desse arboreto: José Divino dos Anjos, Manuel Aparecido dos Santos, Odair Ventura, Antônio Marcos, Chico Rodrigues, Silvano e o mestre Tenório Santana.

Neste livro apresentamos apenas 83 espécies, não toda a coleção – algumas ainda jovens, outras excluídas por diferentes critérios. Não contabilizamos os cítricos, embora haja catalogadas mais de 300 espécies arbóreas e aproximadamente mil espécies ao todo, entre areáceas, aráceas e dicotiledôneas.

Assim sigo: plantando, aprendendo e cuidando. O resto deixo para o tempo.

E, por fim, dedico esta obra à minha família – Gladsen e Helena – pela oportunidade de viver neste lugar desde a minha primeira infância, inclusive celebrando aqui mesmo, nesta chácara, meu primeiro aniversário de vida. À minha irmã Ana Cândida e ao meu irmão Ricardo Higino, que contribuiu diretamente com alguns exemplares da coleção, e pelos muitos afetos partilhados no sítio Dona Tereza. Aos amigos e amigas que acompanharam com entusiasmo a formação desta coleção.

E uma menção especial ao meu amor de vida, companheira e presença incentivadora: Tati.

**Paulo Daniel Guimarães
Guerra de Rezende**

Sumário

Como usar este guia	8	Paineira	31
Macaúba	9	Sibipiruna	32
Farinha-seca	10	Falsa-canela	33
Albícia	11	Coco-da-bahia	34
Cajueiro	12	Copaíba, pau-d'óleo	35
Angico	13	Eucalipto-cheiroso	36
Angico	14	Árvore-de-bala, bola-de-canhão	37
Graviola	15	Jacarandá-da-bahia	38
Araucária	16	Flamboyant	39
Pinheiro-de-forlk	17	Areca-bambu	40
Bilimbi	18	Tamboril	41
Pata-de-elefante	19	Pitangueira	42
Palmeira bismark	20	Açaí	43
Urucum	21	Falso-mangostão, mangostão-amarelo	44
Paineira-vermelha	22	Jenipapo, jenipapeiro	45
Escova-de-garrafa	23	Grevilha	46
Guanandi	24	Jabuticabeira	47
Mulateiro, pau-mulato	25	Ipê-amarelo	48
Pequi	26	Ipê-roxo	49
Chuva-de-ouro	27	Jatobá-do-nordeste, jatobazão, jatobá-da-folha-grande	50
Cássia-rosa	28	Cutieira, boleira	51
Embaúba-branca	29		
Cedro-rosa	30		

Mogno-africano	52	Monjoleiro	76
Mirindiba-rosa.....	53	Espatódea	77
Sapucaia.....	54	Xixá-fedido.....	78
Pau-ferro.....	55	Xixá.....	79
Açoita-cavalo.....	56	Mogno-brasileiro.....	80
Magnólia-amarela	57	Guariroba, coco-amargoso	81
Buriti	58	Jerivá, coqueiro-jerivá.....	82
Melaleuca	59	Jambo, jambolão, jamelão.....	83
Cinamomo, santa-bárbara.....	60	Jambo-amarelo	84
Sabiá.....	61	Tamarindeiro.....	85
Amoreira	62	Capitão-do-campo	86
Cabreúva, bálsamo	63	Amendoeira-de-madagascar, sete-copas-africana	87
Pau-balsa	64	Cacaueiro, cacau	88
Munguba, falso-cacau.....	65	Pau-formiga.....	89
Castanha-do-maranhão.....	66	Ucuúba, virola.....	90
Pau-brasil.....	67	Pimenta-de-macaco.....	91
Palmeira-fênix.....	68		
Pinheiro-americano	69		
Plátanus.....	70		
Canzileiro, jacarandá-branco.....	71		
Quaresmeira-roxa.....	72		
Jasmin-do-caribe	73	Glossário.....	93
Árvore-da-chuva.....	74	Índice por nome científico.....	96
Guapuruvu.....	75	Referências bibliográficas	98

Como usar este guia

NOME POPULAR

Nome popular mais comum da espécie. Ressalte-se que uma mesma espécie pode possuir dezenas de denominações populares (por vezes, mais de 30), a depender de sua amplitude de ocorrência; portanto, é possível encontrá-la — ou referir-se a ela — por outros nomes.

NOME CIENTÍFICO

Denominação universal atribuída a cada espécie, conforme o Código Internacional de Nomenclatura para algas, fungos e plantas (ICN). Em geral, é um binômio latino ou latinizado — gênero (inicial maiúscula) + epíteto específico (minúscula) — grafado em itálico e seguido da autoria (autoridade) que validamente publicou o nome. Por ser regido pelo ICN, o nome científico é reconhecido internacionalmente.

FAMÍLIA

Categoria taxonômica (táxon) hierarquicamente acima de gênero e abaixo de ordem, que abrange vários gêneros e espécies aparentados. Os nomes das famílias botânicas, conforme o ICN, terminam em -aceae (ex.: *Arecaceae*).



OCORRÊNCIA

Conjunto de registros espaciais da espécie: países, regiões/estados, biomas e fitofisionomias (tipos de vegetação) onde está presente. No texto da ficha, será possível identificar a origem da espécie — se é nativa do Brasil ou exótica (introduzida/naturalizada).



BREVE DESCRIÇÃO DA PLANTA

Síntese morfológica: altura, caule/estipe e casca, folhas, inflorescências e flores, frutos e sementes; destacando os caracteres diagnósticos úteis à identificação em campo.



ÉPOCA DE FLORAÇÃO

Período em que a espécie emite suas flores. A depender do bioma e da região, esse período pode variar para uma mesma espécie.



CARACTERÍSTICAS ECOLÓGICAS

Compreendem aspectos como o tipo de polinização, o modo de dispersão das sementes, as características de crescimento, as exigências ambientais, as interações com a fauna, a longevidade da espécie, entre outros.



STATUS DE CONSERVAÇÃO

Refere-se aos parâmetros que indicam risco ou ausência de risco de extinção de uma espécie, conforme avaliação do CNCFlora – Centro Nacional de Conservação da Flora (âmbito nacional) e da IUCN – International Union for Conservation of Nature (âmbito internacional). Os critérios considerados podem incluir perda de habitat, ocorrência restrita, exploração econômica, entre outros.

Macaúba



Nome científico:

Acrocomia aculeata (Jacq.) Lodd. ex Mart.

Família: Arecaceae



OCORRÊNCIA: é uma palmeira nativa amplamente distribuída no Brasil, com registros confirmados nas regiões Norte, Nordeste, Centro-Oeste e Sudeste, além de possíveis ocorrências em Rondônia, Tocantins e Espírito Santo. Habita os biomas Amazônia, Cerrado e Mata Atlântica, sendo encontrada em áreas antrópicas, Cerrado (lato sensu), florestas ciliares, perenes e semidecíduais.



BREVE DESCRIÇÃO DA PLANTA: palmeira de estipe solitário, cilíndrico e anelado, com altura entre 5 e 15 metros. O tronco é armado com espinhos e recoberto por bainhas foliares persistentes. As folhas são pinadas, com raques de 1,5 a 3 metros, e pinas lineares dispostas em vários planos, conferindo aspecto plumoso. As inflorescências são interfolares, ramificadas, com brácteas lenhosas e flores amarelas. Os frutos são globosos, mucilaginoso, duros e de 1 a 4 sementes.



ÉPOCA DE FLORAÇÃO: a floração ocorre ao longo do ano, com maior intensidade em períodos de maior disponibilidade hídrica, variando conforme a região e o clima.

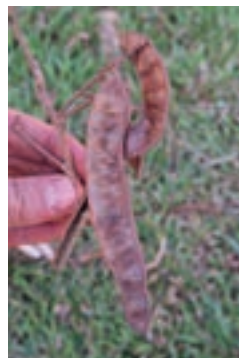


CARACTERÍSTICAS ECOLÓGICAS: apesar de ter germinação demorada e crescimento lento, a macaúba é de grande importância em projetos de restauração ecológica, devido à sua longevidade, característica essencial para a manutenção de ecossistemas.



STATUS DE CONSERVAÇÃO: ainda não foi avaliada quanto ao risco de ameaça de extinção, segundo o CNCFlora.





Farinha-seca

Nome científico:

Albizia niopoides (Spruce ex Benth.) Burkart

Família: Fabaceae



OCORRÊNCIA: é uma espécie nativa do Brasil, amplamente distribuída nas regiões Norte, Nordeste, Centro-Oeste, Sudeste e Sul. Habita os biomas Amazônia, Cerrado, Mata Atlântica e Pampa, ocorrendo em diversos tipos de vegetação, como Florestas Ciliares, de Terra Firme, Decíduas, Semidecíduas e Ombrófilas.



BREVE DESCRIÇÃO DA PLANTA: árvore decídua, que pode atingir até 40 metros de altura. Seu tronco é liso, de coloração amarelada e, ao ser tocado, solta uma espécie de “farinha”, característica que lhe confere o nome popular de farinha-seca. As folhas são compostas, bipinadas, alternas, apresentando nectário extrafloral na base do pecíolo. As flores são de coloração creme, dispostas em panículas. O fruto é uma vagem achatada, de coloração marrom-clara, deiscente. Suas sementes são elípticas ou ovais, pequenas, de cor café-com-leite, com uma mancha central mais escura.



ÉPOCA DE FLORAÇÃO: a floração ocorre predominantemente entre os meses de setembro e novembro.



CARACTERÍSTICAS ECOLÓGICAS: desempenha um papel essencial nos ecossistemas, fornecendo alimento para a fauna local por meio de suas flores e sementes. É amplamente utilizada em projetos de restauração ecológica devido ao seu sistema radicular vigoroso e resistente, que lhe confere uma notável capacidade de rebrotar após cortes, incêndios ou geadas, contribuindo para a recuperação de áreas degradadas.



STATUS DE CONSERVAÇÃO: Pouco Preocupante (LC) quanto ao risco de extinção, segundo o CNCFlora.

Albizia



Nome científico:

Albizia procera (Roxb.) Benth.

Família: Fabaceae



OCORRÊNCIA: conhecida como árvore-da-seda-branca ou albízia-branca, é uma espécie exótica originária da Ásia tropical e Oceania e amplamente cultivada em várias regiões tropicais e subtropicais do mundo. No Brasil, é frequentemente utilizada em projetos de paisagismo e arborização urbana devido à sua adaptabilidade e rápido crescimento.



BREVE DESCRIÇÃO DA PLANTA: é uma árvore de médio a grande porte, podendo alcançar até 20 metros de altura. Possui tronco reto, cilíndrico e de casca pálida ou esbranquiçada, com textura lisa que pode se tornar mais rugosa com o tempo. Suas folhas são compostas bipinadas, com numerosos folíolos pequenos, de formato elíptico e coloração verde-clara. As inflorescências são glomérulos globosos, com flores pequenas e brancas. Os frutos são vagens achatadas e alongadas, contendo sementes pequenas e elípticas.



ÉPOCA DE FLORAÇÃO: a floração ocorre durante os meses de dezembro a fevereiro.



CARACTERÍSTICAS ECOLÓGICAS: devido à sua origem em climas estacionais, *Albizia procera* adaptou-se rapidamente ao clima do Cerrado brasileiro, onde se espalhou e passou a ser considerada uma espécie invasora. Em trechos entre Ribeirão Preto (SP) e Uberlândia (MG), é comum observar a espécie formando maciços monodominantes à beira das estradas.



STATUS DE CONSERVAÇÃO: de Menor Preocupação (LC), indicando que atualmente não enfrenta risco significativo de extinção, de acordo com a Lista Vermelha da IUCN (2018).





Cajueiro

Nome científico:

Anacardium occidentale L.

Família: Anacardiaceae



OCORRÊNCIA: ocorre naturalmente nos biomas Caatinga, Cerrado e Mata Atlântica. É encontrado em diversas fitofisionomias, incluindo Floresta Estacional Semidecidual, Floresta Ombrófila e áreas de Cerrado sensu lato, principalmente em regiões de clima tropical com períodos secos bem definidos.



BREVE DESCRIÇÃO DA PLANTA: conhecida popularmente como cajueiro, é uma árvore de porte médio, amplamente cultivada pelo valor de seus frutos e pseudofrutos. Pode atingir até 15 metros de altura, apresentando copa ampla e tronco retorcido com tronco de diâmetro variando entre 20 e 40 cm. Suas folhas são simples, coriáceas, com formato ovalado e bordas lisas. O pseudofruto (caju) é carnoso e comestível, enquanto o fruto verdadeiro (castanha) é muito valorizado comercialmente.



ÉPOCA DE FLORAÇÃO: a floração ocorre entre agosto e novembro, sendo polinizada principalmente por abelhas e outros insetos.



CARACTERÍSTICAS ECOLÓGICAS: é uma espécie pioneira, adaptada a solos arenosos e pobres em nutrientes. Seus frutos são uma importante fonte de alimento para a fauna, incluindo mamíferos e aves que ajudam na dispersão das sementes. Além disso, o cajueiro é utilizado em sistemas agroflorestais devido à sua capacidade de adaptação e múltiplos usos.



STATUS DE CONSERVAÇÃO: Pouco Preocupante (LC), ou seja, não está ameaçada de extinção, de acordo com a Lista Vermelha da IUCN.

Angico



Nome científico:

Anadenanthera cf. colubrina (Vell.) Brenan

Família: Fabaceae



OCORRÊNCIA: é amplamente distribuída no Brasil, ocorrendo nas regiões Nordeste, Centro-Oeste, Sudeste e Sul. Habita biomas como Caatinga, Cerrado e Mata Atlântica, em vegetações como Caatinga, Cerrado, Florestas Estacionais Semidecíduais e Ombrófilas.



BREVE DESCRIÇÃO DA PLANTA: é um arbusto ou árvore que pode atingir até 25 metros de altura, com ramos lenticelados e superfície variando de pubescente a glabrescente. Suas folhas são compostas bipinadas, com numerosos pares de pinas, cada uma contendo foliólulos lineares, glabros. As flores, organizadas em racemos capitados, são pequenas, pubérulas. O fruto é um fóliculo oblongo e reto, com superfície lisa ou reticulada, de textura cartácea a coriácea, contendo sementes orbiculares e aladas.



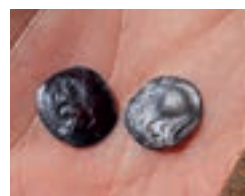
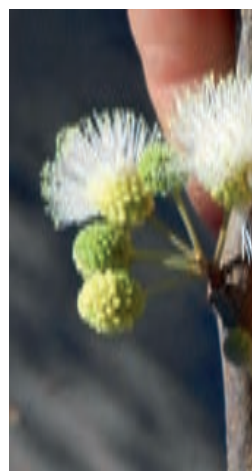
ÉPOCA DE FLORAÇÃO: a floração ocorre entre os meses de setembro e fevereiro.



CARACTERÍSTICAS ECOLÓGICAS: a espécie é altamente relevante para projetos de restauração em savanas e formações florestais devido ao seu rápido crescimento e longevidade. Além disso, destaca-se pela alta taxa de germinação, excelente capacidade de estabelecimento e desenvolvimento vigoroso quando utilizada em semeadura direta, uma técnica conhecida como floresta de sementes.



STATUS DE CONSERVAÇÃO: não foi avaliada quanto ao risco de extinção pelo CNCFlora.





14



Angico

Nome científico:

Anadenanthera cf. peregrina (L.) Speg.

Família: Fabaceae



OCORRÊNCIA: é uma árvore nativa do Brasil, distribuída nas regiões Norte, Nordeste, Centro-Oeste, Sudeste e Sul. Está presente nos biomas Amazônia, Caatinga, Cerrado e Mata Atlântica, ocorrendo em formações vegetais como Caatinga, Cerrado, Florestas Ciliares, Floresta Estacional Semidecidual e Floresta Ombrófila.



BREVE DESCRIÇÃO DA PLANTA: árvore de 8 a 15 metros de altura, com ramos lenticelados e folhas bipinadas contendo 10 a 20 pares de pinas e foliólulos lineares (3 a 8 mm). Possui nectários no pecíolo e capítulos em fascículos com flores pequenas (3 a 3,5 mm) e frutos foliculares escamosos a verrucosos, contendo sementes orbiculares ou ovadas, não aladas.



ÉPOCA DE FLORAÇÃO: a floração ocorre principalmente entre agosto e novembro.



CARACTERÍSTICAS ECOLÓGICAS: tem grande relevância nos ecossistemas onde está presente, pois se adapta bem a solos pobres e a condições de aridez. Essas características fazem com que seja amplamente empregada em projetos de restauração ecológica por meio de semeadura direta, como o método da floresta de sementes. Além disso, a espécie é valorizada na medicina tradicional por suas reconhecidas propriedades terapêuticas.



STATUS DE CONSERVAÇÃO: ainda não foi avaliada quanto ao risco de extinção, de acordo com o CNCFlora. Entretanto, sua ampla distribuição indica que a espécie não enfrenta ameaças significativas atualmente.

Graviola

Nome científico:

Annona muricata L.

Família: Annonaceae



OCORRÊNCIA: conhecida popularmente como graviola, não é nativa do Brasil, sendo originária da América Central e do Caribe. No entanto, é amplamente cultivada em regiões tropicais do Brasil, especialmente nos estados do Nordeste, adaptando-se bem a climas quentes e úmidos.



BREVE DESCRIÇÃO DA PLANTA: é uma árvore de pequeno a médio porte, geralmente atingindo entre 4 e 8 metros de altura. Apresenta copa densa e folhas perenes, brilhantes, de coloração verde-escura, com comprimento variando entre 8 e 20 centímetros. As flores são carnosas, de coloração verde-amarelada, podendo surgir diretamente no tronco (característica conhecida como cauliflora) ou nos ramos. Os frutos são do tipo baga, com formato ovalado ou alongado, podendo alcançar até 10 quilogramas. A casca é verde-escura, recoberta por estruturas que lembram espinhos, os quais são moles e recurvados. A polpa é branca, succulenta e apresenta sabor levemente ácido.



ÉPOCA DE FLORAÇÃO: pode florescer e frutificar durante todo o ano em condições climáticas favoráveis, com picos de produção variando conforme a região.



CARACTERÍSTICAS ECOLÓGICAS: embora não seja nativa, a graviola integra-se bem aos agroecossistemas tropicais brasileiros. Seus frutos são consumidos por diversas espécies de fauna, auxiliando na dispersão das sementes. Além disso, a planta é valorizada por suas propriedades medicinais e pelo uso na indústria alimentícia, contribuindo para a economia local.



STATUS DE CONSERVAÇÃO: de Menor Preocupação (LC), indicando que atualmente não enfrenta riscos significativos de extinção, de acordo com a Lista Vermelha da IUCN (2018).





Araucária

Nome científico:

Araucaria angustifolia (Bertol.) Kuntze

Família: Araucariaceae



OCORRÊNCIA: nativa do Brasil, está amplamente distribuída nos biomas Mata Atlântica e Pampa. Ocorrências confirmadas nos estados de Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná, Rio Grande do Sul e Santa Catarina, com possíveis registros no Espírito Santo. É encontrada em formações vegetais como Florestas Ombrófilas Mistas (Florestas com Araucária), Florestas Estacionais Semidecíduais e Campos de Altitude.



BREVE DESCRIÇÃO DA PLANTA: é uma gimnosperma (pinheiro) que pode atingir até 40 metros de altura, apresentando tronco solitário e copa com formato de cálice em indivíduos adultos. Sua casca possui textura rugosa e é resinosa. As folhas são aciculares, de formato triangular, com ápice bastante pontiagudo, glabras e de margem inteira. Os estróbilos masculinos são pequenos e discretos, enquanto os estróbilos femininos podem alcançar até 28 cm de diâmetro, sendo deles que se extraem as sementes conhecidas como pinhão. Trata-se de uma espécie dióica.



ÉPOCA DE FLORAÇÃO: não possui flores e frutos verdadeiros. Apresenta micro e megaestróbilos, que se desenvolvem principalmente entre os meses de julho e outubro, sendo os responsáveis pela reprodução da espécie. A maturação das sementes ocorre entre março e junho.



CARACTERÍSTICAS ECOLÓGICAS: desempenha um papel ecológico fundamental, fornecendo alimento para várias espécies da fauna, sendo uma espécie-chave em ecossistemas de altitude, auxiliando na estabilização do solo e na conservação da biodiversidade local.



STATUS DE CONSERVAÇÃO: Criticamente em Perigo (CR) pela Lista Vermelha da IUCN, devido à exploração predatória e à perda de habitat. Programas de conservação são essenciais para garantir sua preservação.

Pinheiro-de-fork



Nome científico:

Araucaria columnaris (J.R.Forst.) Hook.

Família: Fabaceae



OCORRÊNCIA: é uma espécie exótica originária da Nova Caledônia, um arquipélago no sudoeste do Oceano Pacífico. Atualmente, é amplamente cultivada em várias regiões tropicais e subtropicais ao redor do mundo, incluindo o Brasil, devido à sua beleza ornamental e adaptabilidade.



BREVE DESCRIÇÃO DA PLANTA: é uma árvore de grande porte, podendo atingir até 60 metros de altura em seu habitat natural, embora em cultivos ornamentais geralmente alcance 20 a 30 metros. Apresenta tronco reto, cilíndrico e fissurado, com uma copa característica em formato colunar. Seus ramos horizontais são dispostos em verticilos regulares, criando um padrão simétrico e elegante. As folhas pequenas, escamiformes e coriáceas, têm coloração verde-escura e permanecem na árvore durante todo o ano.



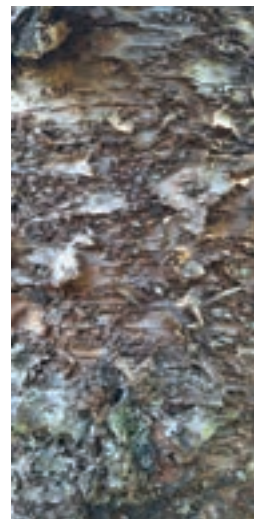
ÉPOCA DE FLORAÇÃO: assim como outras espécies do gênero *Araucaria*, não apresenta flores ou frutos verdadeiros, mas estruturas reprodutivas chamadas microestróbilos e megaestróbilos. O desenvolvimento dessas estruturas ocorre lentamente e está relacionado às condições climáticas de sua região de origem.

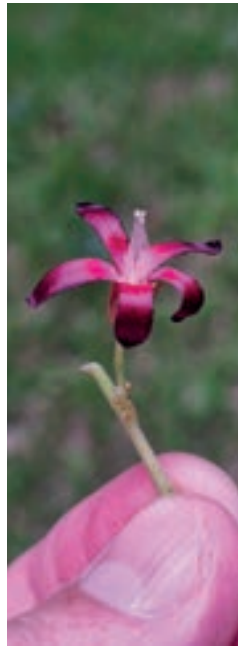


CARACTERÍSTICAS ECOLÓGICAS: apresenta uma inclinação única em direção ao equador, independentemente do hemisfério onde a árvore se encontra. No hemisfério Norte, a inclinação é para o sul, enquanto no hemisfério Sul, é para o norte, com um ângulo médio de 8,55°. Esse comportamento, inédito em árvores, pode ser uma adaptação genética ou ambiental para otimizar a captação de luz solar.



STATUS DE CONSERVAÇÃO: Pouco Preocupante pela Lista Vermelha da IUCN em 2017. Apesar de sua vulnerabilidade em algumas regiões, a espécie não enfrenta risco de extinção.





Bilimbi

Nome científico:

Averrhoa bilimbi L.

Família: Oxalidaceae



OCORRÊNCIA: é uma árvore nativa do sudeste asiático, especificamente da Indonésia (Sulawesi, Maluku), amplamente cultivada e muito comum no norte do Brasil.



BREVE DESCRIÇÃO DA PLANTA: trata-se de uma árvore perenifólia, de pequeno porte, com altura variando entre 5 e 9 metros e copa densa. Suas folhas são compostas, imparipinadas, podendo atingir até 50 cm de comprimento. As flores são pequenas, de coloração púrpura, agrupadas e de natureza cauliflora. Os frutos bagas elipsóides, apresentando coloração verde que amadurece para um tom amarelado.



ÉPOCA DE FLORAÇÃO: a floração ocorre entre dezembro e janeiro, mas alguns indivíduos podem apresentar floração e frutificação contínuas.



CARACTERÍSTICAS ECOLÓGICAS: em razão de sua florada contínua, atrai abelhas ao longo de todo o ano.



STATUS DE CONSERVAÇÃO: de Menor Preocupação de acordo com a IUCN (2023).

Pata-de-elefante

Nome científico:

Beaucarnea recurvata Lem.

Família: Asparagaceae



OCORRÊNCIA: conhecida popularmente como pata-de-elefante, é uma espécie exótica originária do México, especificamente das regiões áridas do sudeste do país. É amplamente cultivada em várias partes do mundo como planta ornamental devido ao seu formato único e baixa exigência de manutenção.



BREVE DESCRIÇÃO DA PLANTA: é uma monocotiledônea arbórea de aparência curiosa, com a base do tronco bastante dilatada – característica que inspira seu nome popular. Pode atingir até 5 metros de altura. Suas folhas são muito longas, pendentes, com até 70 cm de comprimento. As inflorescências são grandes, em panículas terminais, com grande número de flores. O fruto é uma sâmara tetralada.



ÉPOCA DE FLORAÇÃO: a floração ocorre principalmente durante os meses de outono.



CARACTERÍSTICAS ECOLÓGICAS: em seu habitat natural, desempenha um papel importante no ecossistema, oferecendo abrigo e alimento para insetos e pequenos animais. No Brasil, suas flores também atraem uma variedade de insetos, contribuindo para interações ecológicas locais.



STATUS DE CONSERVAÇÃO: Criticamente Ameaçada (CR), de acordo com a Lista Vermelha da IUCN (2019).





Palmeira bismark

Nome científico:

Bismarckia nobilis Hildebrandt & H. Wendl.

Família: Arecaceae



OCORRÊNCIA: é uma espécie exótica originária de Madagascar. Amplamente cultivada em regiões tropicais e subtropicais, incluindo o Brasil, destaca-se por sua beleza ornamental e resistência, sendo utilizada em projetos paisagísticos.



BREVE DESCRIÇÃO DA PLANTA: é uma palmeira de grande porte, atingindo entre 12 e 25 metros de altura. Seu tronco é ereto, cilíndrico e de coloração cinza-prateada, com base alargada. As folhas são grandes, em forma de leque, de coloração azul-prateada ou verde, com segmentos rígidos e margens serrilhadas. A planta apresenta uma copa densa e simétrica, com folhas sustentadas por longos pecíolos.



ÉPOCA DE FLORAÇÃO: as flores são unissexuais e aparecem em inflorescências ramificadas que surgem entre as folhas. A floração ocorre principalmente nos meses quentes e úmidos, sendo seguida pela frutificação. Os frutos são ovóides, de coloração marrom-escuro quando maduros, e contêm uma única semente.



CARACTERÍSTICAS ECOLÓGICAS: embora seja exótica, a espécie é valorizada por sua resistência a condições adversas, como seca e solo pobre. É amplamente utilizada em projetos de paisagismo urbano e rural.



STATUS DE CONSERVAÇÃO: em sua área de origem, Madagascar, enfrenta ameaças devido à perda de habitat, mas globalmente é considerada uma espécie de “Pouca Preocupação” (Least Concern - LC) pela Lista Vermelha da IUCN, devido à sua ampla distribuição e cultivo.

Urucum



Nome científico:

Bixa orellana L.

Família: Bixaceae



OCORRÊNCIA: é amplamente distribuída no Brasil, ocorrendo em todas as regiões e em biomas como Amazônia, Cerrado e Mata Atlântica. Habita diversos tipos de vegetação, incluindo áreas antrópicas, Cerrado, Caatinga, Florestas Ciliares, de Terra Firme, de Várzea, Estacionais Semidecíduais, Ombrófilas, Restingas e Savanas Amazônicas.



BREVE DESCRIÇÃO DA PLANTA: é uma espécie arbustiva ou arbórea, de até 6 metros de altura, com tronco curto e ramificado desde a base, formando copa arredondada e densa. Possui casca fina e pouco rugosa. As folhas simples, alternas, glabras e cordiforme. As flores são vistosas, com cinco pétalas róseas a arroxeadas, dispostas em inflorescências terminais. O fruto é uma cápsula espinhosa, que ao amadurecer expõe sementes envoltas por arilo vermelho intenso, do qual se extrai o corante urucum.



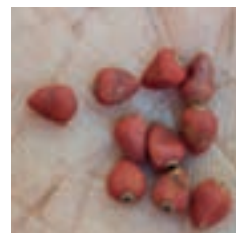
ÉPOCA DE FLORAÇÃO: a floração ocorre ao longo do ano, dependendo das condições climáticas, mas é mais intensa nos meses de maior umidade. Os frutos amadurecem alguns meses após a floração, proporcionando colheitas frequentes.

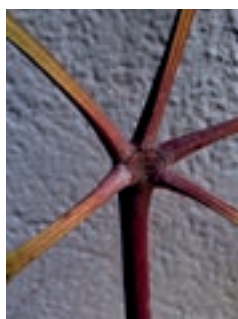


CARACTERÍSTICAS ECOLÓGICAS: é amplamente utilizada em projetos de restauração ecológica devido à sua eficácia na semeadura direta e floração precoce, que atrai uma variedade de insetos polinizadores, promovendo a polinização já no primeiro ano de plantio. Além disso, a espécie é amplamente cultivada em áreas antrópicas por seu valor econômico, ecológico e cultural, destacando-se como fonte de corante natural.



STATUS DE CONSERVAÇÃO: não foi avaliada quanto ao risco de extinção, de acordo com o CNCFlora. Apesar disso, é amplamente cultivada e manejada em diversas regiões, o que contribui para a sua conservação e permanência.





Paineira-vermelha

Nome científico:

Bombax ceiba L.

Família: Malvaceae



OCORRÊNCIA: é uma espécie arbórea exótica originária da Ásia tropical. É amplamente cultivada como planta ornamental em regiões tropicais e subtropicais, incluindo o Brasil, devido às suas flores vistosas e utilidade paisagística.



BREVE DESCRIÇÃO DA PLANTA: árvore de médio a grande porte, decídua durante a floração, alcançando até 25 metros de altura. Apresenta tronco e ramos com acúleos lenhosos e cônicos. Suas folhas são palmadas, compostas por 5 a 9 folíolos articulados, com ápice caudado e base decurrente. As flores são grandes, de pétalas carnosas e vermelhas, com pubescência externa. Os frutos são cápsulas oblongas que, ao amadurecer, se abrem para liberar uma paina branca abundante, envolvendo sementes pequenas e numerosas.



ÉPOCA DE FLORAÇÃO: no Brasil, a floração ocorre entre junho e agosto, período em que a árvore perde suas folhas.



CARACTERÍSTICAS ECOLÓGICAS: as flores produzem grande quantidade de néctar, atraindo pássaros nectarívoros e abelhas, promovendo a polinização. Sua paina, liberada com a abertura dos frutos, é dispersa pelo vento, caracterizando uma dispersão das sementes por anemocoria.



STATUS DE CONSERVAÇÃO: Pouco Preocupante (LC), de acordo com a IUCN (2018), indicando ausência de ameaças iminentes.

Escova-de-garrafa

Nome científico:

Callistemon viminalis (Sol. ex Gaertn.) G. Don

Família: Myrtaceae



OCORRÊNCIA: é uma espécie exótica originária da Austrália. Amplamente cultivada em várias regiões tropicais e subtropicais do mundo, incluindo o Brasil, devido à sua capacidade de adaptação e valor ornamental. Adaptada a diferentes condições climáticas, é comum em áreas urbanas, sendo utilizada para arborização de ruas, jardins e áreas verdes.



BREVE DESCRIÇÃO DA PLANTA: árvore de pequeno porte que pode atingir até 8 metros de altura. Apresenta tronco tortuoso, com ramificações pendentes que formam copa em forma de cascata. A casca é pardo-acinzentada, fina e fibrosa. As folhas são simples, alternas, lanceoladas, coriáceas, com ápice agudo, margem inteira e aroma característico quando amassadas. Suas inflorescências são espigas cilíndricas terminais, de coloração vermelha, que conferem o aspecto de escova. O fruto é uma cápsula lenhosa e pequena, persistente nos ramos após a liberação das sementes.



ÉPOCA DE FLORAÇÃO: a floração ocorre de junho a setembro em regiões de clima tropical.



CARACTERÍSTICAS ECOLÓGICAS: as flores oferecem néctar abundante, servindo como fonte de alimento para a fauna local, incluindo abelhas, pássaros e borboletas, e contribuindo para a interação entre espécies nativas e exóticas no ambiente urbano.



STATUS DE CONSERVAÇÃO: atualmente, não há registros disponíveis na Lista Vermelha da IUCN sobre seu status de conservação. Entretanto, a espécie é amplamente cultivada em diversas partes do mundo devido à sua adaptabilidade e valor ornamental.





Guanandi

Nome científico:

Calophyllum brasiliense Cambess.

Família: Calophyllaceae



OCORRÊNCIA: ocorre amplamente no Brasil, abrangendo as regiões Norte, Nordeste, Centro-Oeste, Sudeste e Sul. Habita os biomas Amazônia, Caatinga, Cerrado e Mata Atlântica, adaptando-se a diversos tipos de vegetação, como florestas ciliares, inundadas, de terra firme, ombrófilas e costais.



BREVE DESCRIÇÃO DA PLANTA: árvore de grande porte que pode atingir até 43 metros de altura, com tronco de ritidoma profundamente fissurado e exsudato amarelo ou creme. As folhas coriáceas, com nervura central saliente na face inferior e levemente impressa na superior. As inflorescências são axilares, brancas, com 2 a 22 flores hermafroditas por cacho. Os frutos são globosos ou ovóides, contendo sementes grandes e enrugadas.



ÉPOCA DE FLORAÇÃO: a floração ocorre entre os meses de agosto e dezembro, enquanto a frutificação se dá de janeiro a abril, dependendo da região.



CARACTERÍSTICAS ECOLÓGICAS: é essencial para ecossistemas ripários, protegendo margens de rios e nascentes. Suas flores atraem polinizadores, como abelhas nativas, enquanto seus frutos servem de alimento para aves e morcegos, promovendo a dispersão de sementes. A espécie também é amplamente utilizada em projetos de restauração ecológica em áreas alagadas.



STATUS DE CONSERVAÇÃO: não foi avaliada quanto ao risco de extinção pelo CNCFlora.

Mulateiro, pau-mulato



Nome científico:

Calycophyllum spruceanum (Benth.) K.Schum.

Família: Rubiaceae



OCORRÊNCIA: é uma árvore nativa amplamente distribuída na região Norte do Brasil, com ocorrências confirmadas em Acre, Amazonas, Amapá, Pará e Rondônia. Habita predominantemente o bioma Amazônia, sendo encontrada em florestas de igapó, terra firme e perenes sazonais.



BREVE DESCRIÇÃO DA PLANTA: é uma espécie arbórea que pode atingir até 30 metros de altura, com tronco retilíneo, casca pardo-acastanhada. As folhas são simples, opostas, com margens inteiras, textura coriácea. As flores são pequenas, brancas a creme, perfumadas e dispostas em panículas terminais. O fruto é uma cápsula septicida, deiscente, com sementes pequenas e aladas, adaptadas à dispersão pelo vento.



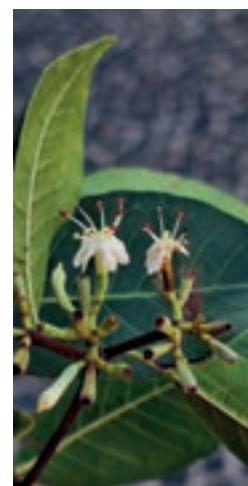
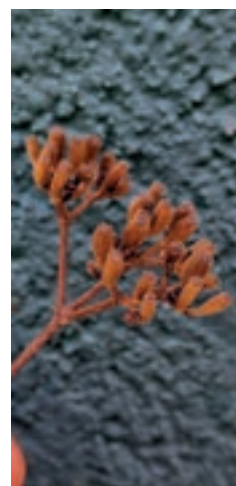
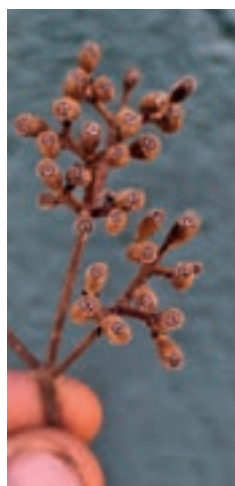
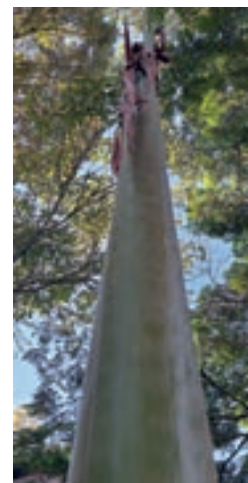
ÉPOCA DE FLORAÇÃO: a espécie floresce entre os meses de junho e julho, com frutificação ocorrendo entre outubro e novembro.



CARACTERÍSTICAS ECOLÓGICAS: devido à sua baixa exigência em relação à fertilidade do solo, é frequentemente utilizada em projetos de restauração de áreas ciliares degradadas, sendo considerada uma alternativa eficiente para a recuperação desses ambientes.



STATUS DE CONSERVAÇÃO: de Menor Preocupação (LC), de acordo com o CNCFlora.





26



Pequi

Nome científico:

Caryocar brasiliense Cambess.

Família: Caryocaraceae



OCORRÊNCIA: é amplamente distribuído no Brasil, ocorrendo nos biomas Cerrado, Caatinga, Amazônia, Mata Atlântica e Pantanal, com destaque para o Cerrado (lato sensu).



BREVE DESCRIÇÃO DA PLANTA: é uma árvore de pequeno a médio porte, podendo atingir até 10 metros de altura. Possui folhas compostas, com folíolos ovado-elípticos, cartáceos a subcoriáceos, vilosos em ambas as faces ou subglabros na face adaxial. Suas inflorescências são racemos densos, com flores amarelas ou alaranjadas, estames numerosos (cerca de 270-330) e frutos do tipo drupa ovoide-globosa, com endocarpo espinhoso.



ÉPOCA DE FLORAÇÃO: a floração ocorre entre setembro e dezembro, e a frutificação entre janeiro e março, dependendo da região e das condições climáticas.



CARACTERÍSTICAS ECOLÓGICAS: as flores são polinizadas principalmente por morcegos, além de abelhas grandes, beija-flores e até marsupiais, dependendo da subespécie e da região. Os frutos são dispersos por emas (*Rhea americana*), o que contribui para a regeneração natural do Cerrado e áreas adjacentes. É uma espécie indispensável em projetos de restauração ecológica do Cerrado, principalmente por semeadura direta (floresta de sementes).



STATUS DE CONSERVAÇÃO: de Menor Preocupação (LC), de acordo com o CNCFlora, devido à sua ampla distribuição e capacidade de adaptação.

Chuva-de-ouro

Nome científico:

Cassia fistula L.

Família: Araliaceae



OCORRÊNCIA: é uma espécie exótica amplamente distribuída, com registros de ocorrência em países como Bangladesh, Butão, Camboja, Colômbia, Índia, Indonésia, Japão, Laos, Malásia, Mianmar, Nepal, Panamá, Tailândia, Timor-Leste e Vietnã. Apesar de sua origem exata ser incerta, destaca-se por sua presença em diversas regiões tropicais e subtropicais.



BREVE DESCRIÇÃO DA PLANTA: é uma árvore de porte médio, podendo atingir entre 10 e 15 metros de altura. Apresenta tronco reto, casca lisa quando jovem e rugosa com o tempo. Suas folhas são compostas, pinadas e caducas, proporcionando um contraste marcante com as flores durante a floração. As flores, que são o principal atrativo da espécie, são amarelas intensas, reunidas em longos cachos pendentes, lembrando cascatas douradas. Os frutos são vagens cilíndricas, longas e de coloração escura quando maduras, contendo sementes numerosas.



ÉPOCA DE FLORAÇÃO: a floração ocorre predominantemente de setembro a dezembro, coincidindo com o início da primavera e do verão, período em que a árvore perde as folhas, destacando ainda mais as flores.



CARACTERÍSTICAS ECOLÓGICAS: apesar de exótica, desempenha um papel ecológico importante, atraindo polinizadores como abelhas e borboletas, além de insetos como a maria-fedida. A espécie é amplamente utilizada em projetos de paisagismo por sua elevada capacidade de adaptação e notável valor ornamental.



STATUS DE CONSERVAÇÃO: Pouco Preocupante, de acordo com a Lista Vermelha da IUCN (2018).





Cássia-rosa

Nome científico:

Cassia grandis L.f.

Família: Fabaceae



OCORRÊNCIA: conhecida popularmente como canafistula-rosa ou cássia-rosa, é uma espécie nativa amplamente distribuída no Brasil, ocorrendo nos biomas Amazônia, Cerrado, Mata Atlântica e Pantanal. É encontrada em diferentes formações vegetais, como Florestas Ciliares ou de Galeria, Florestas de Terra Firme, Florestas Estacionais Semidecíduais e Florestas Ombrófilas.



BREVE DESCRIÇÃO DA PLANTA: árvore caducifólia, que geralmente alcança entre 10 e 15 metros de altura. Em sua fase adulta, exemplares maiores podem atingir até 30 metros de altura e 100 cm de DAP. Ramos densamente pubescentes. As folhas são compostas paripinadas, possuindo 8 a 17 pares de folíolos oblongos. As flores de coloração roseadas, escurecem para o marrom ao murcharem. Os frutos são vagens lenhosas e pendentes, que podem atingir até 60 cm de comprimento, contendo sementes lisas e brilhantes de coloração castanho-lustrosa.



ÉPOCA DE FLORAÇÃO: a floração inicia-se em agosto e pode estender-se até novembro.



CARACTERÍSTICAS ECOLÓGICAS: a cássia-rosea é uma espécie caducifólia e heliófila, sensível a baixas temperaturas. Sua dispersão ocorre de diferentes formas: predominantemente autocórica e barocórica, por ação da gravidade, zoocórica, através de mamíferos terrestres, e hidrocórica, devido à sua frequência em áreas próximas a cursos d'água.



STATUS DE CONSERVAÇÃO: a espécie não foi avaliada quanto à ameaça pela CNCFlora.

Embaúba-branca

Nome científico:

Cecropia pachystachya Trécul

Família: Urticaceae



OCORRÊNCIA: é uma espécie amplamente distribuída nos biomas Amazônia, Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica, Pampa e Pantanal. É muito comum em bordas de florestas, margens de rios e áreas que sofreram processos de perturbação, como clareiras.



BREVE DESCRIÇÃO DA PLANTA: árvore perenifólia de porte médio, com altura que pode atingir até 12 metros e diâmetro à altura do peito (DAP) variando entre 15 e 25 cm. Apresenta tronco fino, reto e oco, frequentemente habitado por formigas. Sua copa é aberta, com folhas grandes, lobadas, dispostas alternadamente nas extremidades dos galhos. A face inferior das folhas é esbranquiçada, uma característica marcante da espécie.



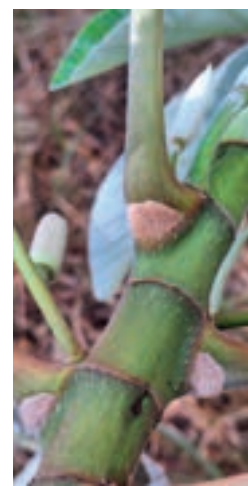
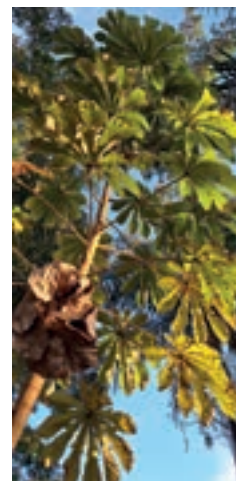
ÉPOCA DE FLORAÇÃO: sua floração no Cerrado se dá nos meses de julho a outubro.

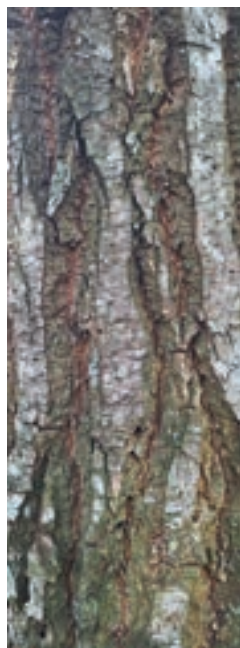


CARACTERÍSTICAS ECOLÓGICAS: tem uma relação simbiótica com formigas do gênero *Azteca*, que vivem dentro de seus ramos ocos. Além disso, seus frutos são muito consumidos por aves e primatas, desempenhando um papel essencial na alimentação da fauna e na dispersão de sementes.



STATUS DE CONSERVAÇÃO: espécie não avaliada quanto ao risco de ameaça pela CNCFlora.





Cedro-rosa

Nome científico:

Cedrela fissilis

Família: Meliaceae



OCORRÊNCIA: ocorre amplamente no Brasil, abrangendo os biomas Amazônia, Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica, Pampa e Pantanal. É encontrada em formações vegetais como Cerrado (lato sensu), Florestas de Terra Firme, Estacionais Deciduais, Perenifólias, Semideciduais e Ombrófilas, com registros nas regiões Norte, Nordeste, Centro-Oeste, Sudeste e Sul.



BREVE DESCRIÇÃO DA PLANTA: é uma árvore caducifólia de grande porte, com altura variando de 10 a 25 metros, podendo atingir até 40 metros de altura e 300 cm de DAP. O tronco é reto, cilíndrico, com casca espessa, moderadamente fissurada e de coloração castanho-acinzentada. As folhas são compostas, alternadas e pinadas, com folíolos lanceolados e margens inteiras ou levemente onduladas. Um traço distintivo da espécie é o aroma de alho liberado por todas as partes da planta quando esmagadas. As inflorescências são terminais ou axilares, com pequenas flores esbranquiçadas. Os frutos são cápsulas lenhosas e deiscentes, que liberam sementes aladas.



ÉPOCA DE FLORAÇÃO: no Cerrado, a floração ocorre entre os meses de julho e setembro.



CARACTERÍSTICAS ECOLÓGICAS: suas sementes aladas são dispersas pelo vento (anemocoria), enquanto as flores são polinizadas principalmente por abelhas e algumas espécies de mariposas. Apresenta alta capacidade de estabelecimento de regenerantes (mudas), especialmente em bordas de matas e áreas de capoeiras, indicando sua aptidão para colonizar ambientes perturbados e favorecer a recuperação da vegetação local.



STATUS DE CONSERVAÇÃO: Vulnerável (VU) pela CNCFlora, devido à exploração excessiva de sua madeira de alto valor comercial.

Paineira



Nome científico:

Ceiba speciosa (A.St.-Hil.) Ravenna

Família: Malvaceae



OCORRÊNCIA: apresenta ampla distribuição no Brasil, ocorrendo nos biomas Mata Atlântica e Cerrado, nas fitofisionomias de floresta estacional semidecidual, floresta ombrófila densa e mata seca.



BREVE DESCRIÇÃO DA PLANTA: árvore caducifólia que geralmente atinge até 15 metros de altura, com 60 centímetros de diâmetro. Seu tronco é reto e, às vezes, apresenta uma espécie de “barriga”, assemelhando-se à forma de uma garrafa, sendo coberto por acúleos. A casca das árvores jovens é verde; nas adultas se torna cinza, com estrias verdes. A copa é arredondada e frondosa, com folhas compostas, alternadas e digitadas, contendo de 4 a 7 folíolos de formato lanceolado. As flores, dispostas em racemos axilares e terminais, medem cerca de 9 cm de comprimento, são vistosas e aveludadas, com coloração variando de rosa-claro a rosa-intenso, podendo chegar a quase branco. O fruto é uma cápsula de 5 lóculos, que se abrem quando amadurece. Sua forma pode ser arredondada, alongada ou oblonga, com textura lisa, coriácea e brilhante, e pode atingir até 22 cm de comprimento e 8 cm de diâmetro. As sementes são envoltas por pelos branco-amarelados, conhecidos como paina.



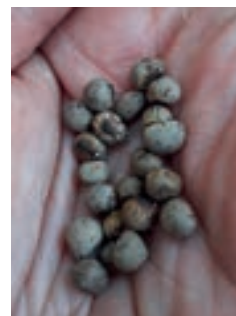
ÉPOCA DE FLORAÇÃO: no Cerrado, inicia-se em dezembro e se estende até abril. Durante esse período, a planta perde todas as suas folhas. Já entre os meses de agosto e setembro, ocorre a formação e a maturação de seus frutos.



CARACTERÍSTICAS ECOLÓGICAS: tem um papel ecológico importante, pois atrai polinizadores e diversas espécies de aves, além de suas folhas servirem de alimento para alguns primatas.



STATUS DE CONSERVAÇÃO: não foi avaliada pelo CNCFlora quanto ao risco de extinção.





Sibipiruna

Nome científico:

Cenostigma pluviosum var. *peltophoroides* (Benth.) Gagnon & G.P.Lewis

Família: Fabaceae



OCORRÊNCIA: é uma espécie endêmica do Brasil, com ocorrências confirmadas na Bahia, Espírito Santo e Rio de Janeiro. Está associada exclusivamente ao bioma Mata Atlântica, onde ocorre principalmente em áreas de Floresta Ombrófila (Floresta Pluvial).



BREVE DESCRIÇÃO DA PLANTA: é uma árvore de médio a grande porte, podendo atingir até 25 metros de altura, com tronco recoberto por casca acinzentada que se desprende em placas longitudinais. As folhas são bipinadas, compostas por numerosos folíolos pequenos, verdes e brilhantes, que formam uma copa ampla e densa. As flores são pequenas, amarelas e dispostas em cachos terminais, com destaque ornamental. Os frutos são vagens lenhosas e deiscentes, contendo sementes achatadas que lembram moedas.



ÉPOCA DE FLORAÇÃO: a floração ocorre de agosto a novembro, enquanto a frutificação é observada entre outubro e janeiro. As flores atraem polinizadores, como abelhas, contribuindo para a manutenção da biodiversidade local.



CARACTERÍSTICAS ECOLÓGICAS: desempenha um papel ecológico relevante, fornecendo néctar para polinizadores e alimento para a fauna que consome seus frutos. É uma espécie pioneira, frequentemente utilizada na arborização urbana.



STATUS DE CONSERVAÇÃO: não avaliada, de acordo com o CNCFlora, mas é amplamente distribuída e não apresenta risco imediato de extinção.

Falsa-canela

Nome científico:

Cinnamomum burmannii (Nees & T.Nees)
Blume

Família: Lauraceae



OCORRÊNCIA: é uma espécie exótica originária do sudeste asiático, incluindo países como China e Vietnã. É amplamente cultivada em regiões tropicais e subtropicais devido ao seu valor econômico e usos tradicionais.



BREVE DESCRIÇÃO DA PLANTA: é uma árvore perenifólia de pequeno porte, com altura variando entre 5 e 8 metros. Apresenta tronco curto com casca marrom-acinzentada e aromática. Suas folhas são simples, opostas, de coloração verde-escura e textura cartácea, com nervuras evidentes e liberando um aroma característico quando maceradas. As inflorescências surgem em panículas terminais ou axilares, compostas por pequenas flores de coloração esbranquiçada a amarelada. Os frutos são drupas ovais e pequenas, adquirindo coloração arroxeada ao amadurecer.



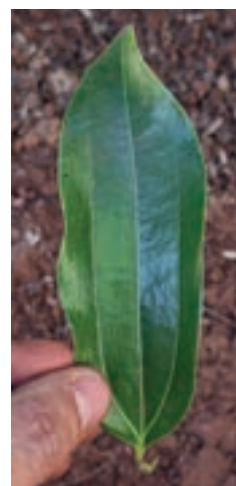
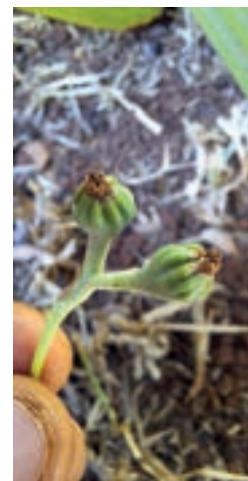
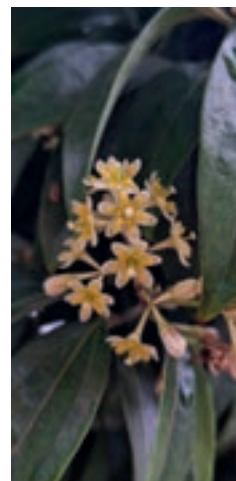
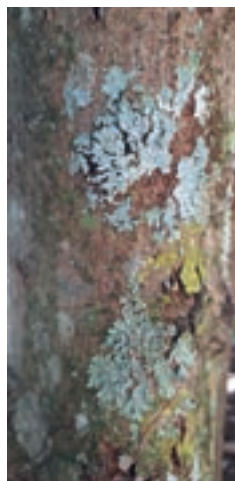
ÉPOCA DE FLORAÇÃO: a floração ocorre entre os meses de setembro e outubro.



CARACTERÍSTICAS ECOLÓGICAS: suas flores atraem polinizadores, como abelhas e outros insetos. Os frutos são consumidos por aves, que auxiliam na dispersão das sementes (zoocoria).



STATUS DE CONSERVAÇÃO: Pouco Preocupante, de acordo com a IUCN (2021).





Coco-da-bahia

Nome científico:

Cocos nucifera L.

Família: Arecaceae



OCORRÊNCIA: é uma espécie naturalizada, não endêmica do Brasil, amplamente cultivada em regiões tropicais e subtropicais. No território brasileiro, ocorre predominantemente no domínio da Mata Atlântica, com destaque para áreas de Restinga nos estados do Nordeste.



BREVE DESCRIÇÃO DA PLANTA: palmeira de estipe solitário, reto ou levemente curvado, atingindo até 30 metros de altura, com palmito oculto devido às bainhas foliares abertas. Suas folhas pinadas, de 3 a 6 metros de comprimento, possuem de 100 a 150 pinas regularmente distribuídas. As inflorescências interfoliárias são ramificadas e apresentam flores unissexuais, com ambos os sexos na mesma inflorescência. Os frutos ovóides ou elipsoides, de 20 a 30 cm de comprimento, possuem epicarpo liso, mesocarpo fibroso, endocarpo lenhoso e endosperma inicialmente líquido, que se solidifica em uma massa branca.



ÉPOCA DE FLORAÇÃO: como ocorre com a maioria das palmeiras, o coqueiro apresenta floração contínua durante todo o ano.



CARACTERÍSTICAS ECOLÓGICAS: é predominantemente polinizado por abelhas, com flores frequentemente visitadas por outros insetos, os quais podem ou não atuar como agentes de polinização. Além disso, há indícios de que o vento também possa desempenhar um papel como agente polinizador.



STATUS DE CONSERVAÇÃO: a espécie não foi avaliada quanto ao risco de ameaça pelo CNCFlora.

Copaíba, pau-d'óleo

Nome científico:

Copaifera langsdorffii Desf.

Família: Fabaceae



OCORRÊNCIA: é amplamente distribuída no Brasil, ocorrendo em diversos biomas como Amazônia, Caatinga, Cerrado e Mata Atlântica, e em variados habitats, como florestas ciliares, campos rupestres e áreas antrópicas.



BREVE DESCRIÇÃO DA PLANTA: árvore semicaducifólia de porte variável conforme o ambiente. Em florestas pluviais, atinge de 3 a 20 m em biomas florestais, podendo alcançar até 35 m de altura. Já no Cerrado e na Caatinga, seu porte é reduzido, variando de 1,8 a 10 m de altura. Suas folhas são compostas, alternas, paripinadas, glabras, com glândulas translúcidas no limbo. As flores, branco-amareladas a creme-rosadas, organizam-se em panículas terminais. Os frutos são legumes deiscentes com uma única semente envolta por arilo amarelo ou alaranjado. São reconhecidas três variedades: *C. langsdorffii* var. *langsdorffii*, var. *glabra* e var. *grandifolia*.



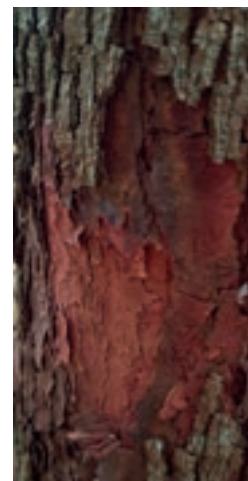
ÉPOCA DE FLORAÇÃO: no Cerrado, a floração ocorre entre setembro e março.

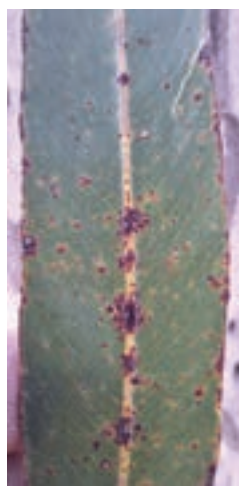
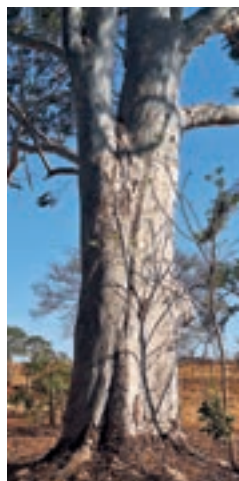


CARACTERÍSTICAS ECOLÓGICAS: possui uma forte associação com a fauna, sendo suas sementes dispersas principalmente por aves e primatas, o que a torna indispensável em projetos de restauração ecológica. Além disso, trata-se de uma espécie generalista, adaptada a ecótonos, o que lhe confere elevada plasticidade ambiental para vegetar em diferentes tipos de ambientes.



STATUS DE CONSERVAÇÃO: não foi avaliada quanto ao risco de ameaça pelo CNCFlora.





Eucalypto-cheiroso

Nome científico:

Corymbia citriodora (Hook.) K.D.Hill & L.A.S.Johnson

Família: Myrtaceae



OCORRÊNCIA: é uma espécie exótica originária da Austrália. No Brasil, é amplamente cultivada em regiões tropicais e subtropicais devido à sua madeira de qualidade e ao óleo essencial extraído das folhas, muito valorizado pela indústria farmacêutica e cosmética.



BREVE DESCRIÇÃO DA PLANTA: é uma árvore perenifólia de grande porte, bastante aromática, com altura entre 15 a 40 metros. Possui tronco ereto, de casca lisa que se desprende em placas irregulares, deixando marcas pequenas ao longo do tronco, geralmente de coloração branca azulada a rosada. As folhas são alternas, longas, geralmente, com margens inteiras, superfície glabra. As inflorescências são axilares e terminais, em panículas compostas. As flores são brancas e pequenas. Os frutos são cápsulas deiscentes, com válvulas afundadas e muito pequenos. As sementes são negras e não aladas.



ÉPOCA DE FLORAÇÃO: não possui uma época de floração definida, pois sua capacidade de florescer varia conforme as condições climáticas e o manejo, mas é mais comum observar flores durante os meses quentes e chuvosos.



CARACTERÍSTICAS ECOLÓGICAS: Seu óleo essencial é valorizado por suas propriedades medicinais e repelentes, sendo amplamente utilizado nas indústrias farmacêutica e cosmética. Além disso, suas flores atraem grande quantidade de abelhas, especialmente do gênero *Apis*, conferindo-lhe alto potencial melífero.



STATUS DE CONSERVAÇÃO: Pouco Preocupante (Least Concern - LC) pela Lista Vermelha da IUCN (2019). Isso indica que a espécie não enfrenta riscos significativos de extinção.

Árvore-de-bala, bola-de-canhão

Nome científico:

Couroupita guianensis Aubl.

Família: Lecythidaceae



OCORRÊNCIA: é uma espécie nativa da região amazônica, distribuída principalmente nos biomas Amazônia e áreas próximas. Adaptada a ambientes tropicais, é encontrada em florestas úmidas, preferencialmente em áreas de solos profundos e bem drenados, com elevada umidade.



BREVE DESCRIÇÃO DA PLANTA: é uma árvore de grande porte, que pode atingir entre 15 e 35 metros de altura, com tronco robusto. Suas folhas são simples, alternadas, agrupadas em ramos na extremidade dos galhos, medindo de 8 a 25 cm de comprimento. As flores são grandes, aromáticas, de coloração rosa a avermelhada, e surgem diretamente no tronco e ramos principais (cauliflora). Os frutos são grandes cápsulas lenhosas, com cerca de 20 a 25 cm de diâmetro, que quando caem ao chão, liberam sementes rodeadas por polpa fibrosa.



ÉPOCA DE FLORAÇÃO: ocorre ao longo do ano, com maior intensidade durante a estação chuvosa. A polinização é realizada por abelhas e outros insetos, atraídos pelo perfume e pelo néctar das flores. A frutificação é contínua, com dispersão das sementes ocorrendo principalmente por gravidade e ação da fauna.



CARACTERÍSTICAS ECOLÓGICAS: desempenha um papel ecológico importante em florestas tropicais, fornecendo alimento para insetos polinizadores e mamíferos que consomem os frutos e dispersam as sementes. Suas características ornamentais fazem com que seja amplamente cultivada em áreas urbanas e jardins botânicos.



STATUS DE CONSERVAÇÃO: Pouco Preocupante (LC), de acordo com o CNCFlora, indicando que a espécie não apresenta risco de extinção devido à sua ampla distribuição e adaptação.





Jacarandá-da-bahia

Nome científico:

Dalbergia nigra (Vell.) Allemão ex Benth.

Família: Fabaceae



OCORRÊNCIA: conhecida como jacarandá-da-bahia, ocorre no bioma Mata Atlântica, nas fitofisionomias de floresta estacional semidecidual e floresta ombrófila densa.



BREVE DESCRIÇÃO DA PLANTA: espécie semicaducifólia que atinge de 10 a 20 m de altura. Sua casca é pardo-acinzentada, com lenticelas horizontais estreitas. As folhas são compostas, paripinadas, com 10 a 20 folíolos pequenos, pilosos na fase jovem e glabros na fase adulta. As flores são perfumadas, de coloração branco-amarelada, reunidas em cachos axilares que formam panículas ramificadas. Os frutos são sâmaras elípticas, planas, membranáceas e indeiscentes, contendo até duas sementes.



ÉPOCA DE FLORAÇÃO: ocorre entre os meses de setembro e novembro, enquanto a frutificação acontece de janeiro a setembro. Durante a floração, as temperaturas amenas e a maior disponibilidade de luz favorecem a produção de flores, enquanto a frutificação é impulsionada pela continuidade das chuvas e o calor, essenciais para o amadurecimento dos frutos.



CARACTERÍSTICAS ECOLÓGICAS: é uma espécie não pioneira, cujos polinizadores principais são as abelhas e diversos insetos pequenos, atraídos por suas flores perfumadas. A planta, ao ser utilizada em projetos de restauração ecológica, desempenha um papel importante ao atrair polinizadores, contribuindo para o equilíbrio ecológico e a manutenção da biodiversidade local. Além disso, sendo semicaducifólia, colabora na nutrição do solo com a deposição de suas folhas, favorecendo a regeneração e a qualidade do ambiente restaurado.



STATUS DE CONSERVAÇÃO: vulnerável à extinção (VU) pela avaliação do CNCFlora.

Flamboyant

Nome científico:

Delonix regia (Bojer ex Hook.) Raf.

Família: Fabaceae



OCORRÊNCIA: é uma árvore nativa da ilha de Madagascar. Embora seja uma espécie exótica, pode ser encontrada em todas as regiões do Brasil, sendo amplamente utilizada na arborização urbana, em parques e jardins, devido ao seu potencial paisagístico.



BREVE DESCRIÇÃO DA PLANTA: árvore com 10 a 20 metros de altura, tronco volumoso e casca parda. Apresenta raízes aéreas e copa ampla em forma de guarda-chuva, com ramos horizontais. As folhas são compostas, bipinada, verde-brilhantes e com estípulas foliáceas. As flores são grandes, vistosas, vermelhas com extremidades amareladas, dispostas em panículas, com cinco pétalas onduladas e estames longos. Os frutos são vagens lenhosas, estreitas e longas, que podem atingir 60 cm, contendo sementes planas, ovas e marrons ou rajadas.



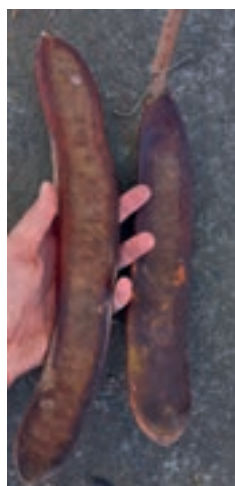
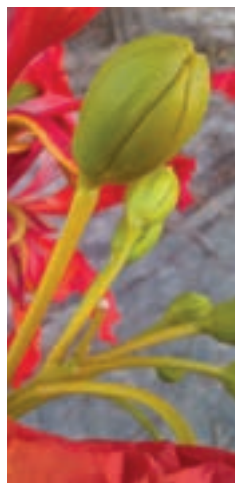
ÉPOCA DE FLORAÇÃO: a floração do flamboyant, principal atrativo da árvore, ocorre de outubro a janeiro, durante a primavera e o verão no Brasil. Nesse período, a árvore perde suas folhas, o que realça as flores na paisagem. Já os frutos, que são tardiamente deiscentes, permanecem na árvore por alguns meses.



CARACTERÍSTICAS ECOLÓGICAS: suas flores produzem néctar, atraindo insetos e beija-flores responsáveis pela polinização.



STATUS DE CONSERVAÇÃO: de Menor Preocupação (LC), de acordo com a Lista Vermelha da IUCN, quanto ao risco de extinção.





Areca-bambu

Nome científico:

Dypsis lutescens (H.Wendl.) Beentje & J.Dransf.

Família: Arecaceae



OCORRÊNCIA: é uma espécie exótica originária de Madagascar. No Brasil, é amplamente cultivada em áreas urbanas e rurais como planta ornamental, devido à sua beleza e à facilidade de adaptação a diferentes condições climáticas.



BREVE DESCRIÇÃO DA PLANTA: é uma palmeira de porte médio, com altura variando de 2 a 10 metros. Apresenta múltiplos caules finos, lisos e amarelados, dispostos em touceiras. Suas folhas são pinadas, arqueadas e de coloração verde brilhante, podendo atingir até 2 metros de comprimento. As inflorescências surgem entre as folhas, apresentando pequenas flores amarelas. Os frutos são ovais, inicialmente verdes, tornando-se amarelos ou arroxeados quando maduros.



ÉPOCA DE FLORAÇÃO: a floração ocorre ao longo do ano, dependendo das condições climáticas, com maior intensidade nos meses mais quentes. As flores atraem polinizadores, como abelhas e outros insetos.



CARACTERÍSTICAS ECOLÓGICAS: embora exótica, a areca-bambu é amplamente utilizada no paisagismo urbano devido à sua capacidade de adaptação e ao baixo custo de manutenção. Além disso, a planta oferece abrigo para pequenos pássaros e insetos, contribuindo para a biodiversidade em áreas urbanas.



STATUS DE CONSERVAÇÃO: Quase Ameaçada pela Lista Vermelha de Espécies Ameaçadas da IUCN (2010).

Tamboril

Nome científico:

Enterolobium contortisiliquum (Vell.) Morong

Família: Fabaceae



OCORRÊNCIA: ampla ocorrência no Brasil, sendo encontrado nos biomas Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica, Pampa e Pantanal, nas fitofisionomias Caatinga (Arbórea, Arbustiva e Ciliar), Floresta Estacional (Semidecidual e Decidual), Floresta Ombrófila Densa, Matas (Brejo de Altitude, Ciliar, Ripária, Seca, Semidecídua e de Galeria), Restinga e Vegetação Savanóide.



BREVE DESCRIÇÃO DA PLANTA: árvore caducifólia, atinge de 10 a 30 metros de altura. A casca do tronco tem coloração que varia entre cinza-claro e pardo-acinzentada, pontilhada por lenticelas grandes. As folhas são compostas e alternas, podendo alcançar até 30 centímetros de comprimento. Na parte superior, as folhas apresentam coloração verde-clara, enquanto a face inferior exibe tom verde-acinzentado, com glândulas visíveis entre os folíolos e no pecíolo. As flores, de cor branca e forma de capítulo globoso, organizam-se em cachos. O fruto, de cor preta e textura semilenhosa, possui uma forma muito característica, lembrando uma orelha humana, e permanece na árvore durante a perda foliar.



ÉPOCA DE FLORAÇÃO: ocorre durante o inverno e a primavera, com início em junho e término em novembro, enquanto os frutos amadurecem entre o final da primavera e início do verão, nos meses de maio e julho.



CARACTERÍSTICAS ECOLÓGICAS: contribui para a nutrição do solo por meio do depósito de matéria orgânica, originada da queda de suas folhas. A polinização das flores é realizada por abelhas, enquanto a dispersão dos frutos e sementes ocorre pela fauna e pela gravidade. Desempenha um papel importante na restauração ecológica, pois também auxilia na formação do banco de sementes da área.



STATUS DE CONSERVAÇÃO: não foi avaliada pelo CNCFlora quanto ao risco de extinção.





Pitangueira

Nome científico:

Eugenia uniflora L.

Família: Myrtaceae



OCORRÊNCIA: espécie nativa amplamente distribuída no Brasil, com ocorrências no Nordeste, Centro-Oeste, Sudeste e Sul, em biomas como Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica e Pampa. Habita diversas formações vegetais, incluindo Florestas Ciliares, Florestas Ombrófilas, Restingas e áreas antrópicas, adaptando-se a uma ampla gama de condições ambientais.



BREVE DESCRIÇÃO DA PLANTA: é um arbusto ou pequena árvore que pode atingir entre 2 e 10 metros de altura. Apresenta casca lisa e acinzentada, com desprendimento em placas. As folhas são simples, opostas, coriáceas e de cor verde brilhante, tornando-se avermelhadas na brotação. As flores, de cor branca, são pequenas e perfumadas. Os frutos são bagas globosas, de coloração que varia do laranja ao vermelho-escuro, com sabor doce e levemente ácido.



ÉPOCA DE FLORAÇÃO: ocorre entre setembro e novembro, com os frutos amadurecendo entre outubro e janeiro. As flores são polinizadas principalmente por abelhas, enquanto os frutos são dispersos por animais frugívoros, como aves e pequenos mamíferos.



CARACTERÍSTICAS ECOLÓGICAS: desempenha um papel ecológico essencial, servindo como fonte de alimento para várias espécies de aves e mamíferos frugívoros. Sua capacidade de adaptação a diferentes condições ambientais a torna uma escolha frequente em projetos de reflorestamento, recuperação de áreas degradadas e arborização urbana. É amplamente cultivada em áreas antrópicas devido ao valor ornamental e alimentar de seus frutos.



STATUS DE CONSERVAÇÃO: não foi avaliada (NA) quanto ao risco de extinção, de acordo com o CNCFlora.



Açaí



Nome científico:

Euterpe oleracea Mart.

Família: Arecaceae



OCORRÊNCIA: ocorre na Amazônia e está distribuído por alguns estados das regiões Norte e Nordeste do Brasil, em matas ciliares, matas de várzea e restingas.



BREVE DESCRIÇÃO DA PLANTA: palmeira cespitosa que atinge cerca de 20 m de altura, com caule múltiplos. Apresenta raízes aéreas avermelhadas e palmito liso no ápice. As folhas são pinadas, planas, com numerosas pinas dispostas no mesmo plano. As inflorescências surgem abaixo das folhas. As flores masculinas são arroxeadas, com pétalas ciliadas, enquanto as femininas são marrom-esbranquiçadas, com pétalas triangulares. Os frutos são redondos a ovalados, de superfície lisa e coloração negra quando maduros.



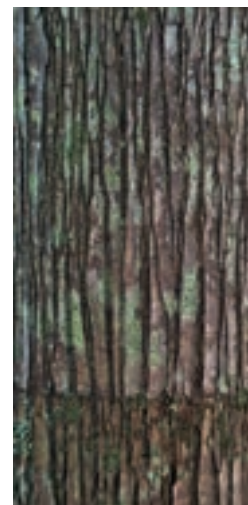
ÉPOCA DE FLORAÇÃO: o açaí floresce entre janeiro e junho e frutifica de julho a dezembro, coincidente com as estações do bioma amazônico.



CARACTERÍSTICAS ECOLÓGICAS: é uma planta perenifólia, heliófita e pioneira, capaz de formar populações homogêneas e produzir grande quantidade de sementes anualmente. Suas flores são polinizadas por abelhas, e seus frutos servem de alimento para a fauna, que realiza a dispersão das sementes. Além disso, o açaí desempenha um papel relevante no âmbito econômico, cultural, artesanal e alimentício, sendo também recomendado para a restauração de áreas sujeitas a alagamento ou permanentemente inundadas.



STATUS DE CONSERVAÇÃO: ainda não foi avaliada pelo CNCFlora quanto ao risco de extinção.





Falso-mangostão, mangostão-amarelo

Nome científico:

Garcinia cochinchinensis (Lour.) Choisy

Família: Clusiaceae



OCORRÊNCIA: é nativa do Sudeste Asiático, com ocorrência documentada na região da Indochina, especialmente no Camboja e Vietnã, crescendo em florestas tropicais úmidas.



BREVE DESCRIÇÃO DA PLANTA: é uma angiosperma arbórea, que pode atingir até 15 metros de altura, com tronco ereto, ramificação baixa e copa densa. A casca é parda a acinzentada, de superfície ligeiramente rugosa. As folhas são simples, opostas, bem grandes, elípticas, de consistência coriácea, margem inteira, ápice acuminado e nervuras secundárias levemente evidentes. As flores são pequenas, de coloração amarelo-clara a esverdeada, reunidas em inflorescências axilares. O fruto é uma cápsula globosa, de coloração amarela quando madura, contendo polpa acidulada e sementes envoltas por arilo carnososo.



ÉPOCA DE FLORAÇÃO: a floração concentra-se entre os meses de junho a agosto no Brasil.



CARACTERÍSTICAS ECOLÓGICAS: as flores do falso-mangostão atraem abelhas e outros insetos.



STATUS DE CONSERVAÇÃO: Em Perigo, de acordo com a Lista Vermelha da IUCN (2023), devido à redução da extensão e qualidade de seu habitat natural.

Jenipapo, jenipapeiro



Nome científico:

Genipa americana L.

Família: Rubiaceae



OCORRÊNCIA: apresenta ampla distribuição no Brasil, sendo encontrada nos biomas Amazônia, Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica e Pantanal. Está presente nas seguintes fitofisionomias: Caatinga (arbórea e ciliar), cerradão, florestas estacionais (decidual, semidecidual e perenifólia), floresta ombrófila densa, matas (ciliar, ripária, seca, semidecídua, de galeria e de várzea) e restinga (arbórea e arbustiva).



BREVE DESCRIÇÃO DA PLANTA: árvore que varia entre 5 e 15 m de altura, podendo atingir até 30 m. Possui tronco reto, com casca clara, variando de pardo-clara a cinza-esverdeada, lisa a áspera em razão da presença de lenticelas. As folhas são simples, opostas, verde-escuras, lustrosas, com pecíolo curto e duas estípulas interpeciolares bem desenvolvidas. As flores são, brancas e amarelas, levemente aromáticas. Os frutos bagas, ovóides, de coloração amarelo-alaranjada, com polpa comestível e succulenta.



ÉPOCA DE FLORAÇÃO: a floração do jenipapo ocorre no verão, entre os meses de dezembro e janeiro.



CARACTERÍSTICAS ECOLÓGICAS: quanto ao grupo sucessional, a espécie é classificada como não pioneira. Suas flores são polinizadas por abelhas, como a mamangava, enquanto seus frutos servem de alimento para a fauna, que dispersa suas sementes. Além disso, o jenipapeiro possui grande potencial para a restauração ecológica, podendo ser cultivado tanto em áreas sujeitas a inundações temporárias quanto em locais mais secos.



STATUS DE CONSERVAÇÃO: Pouco Preocupante (LC), quanto ao risco de extinção, de acordo com o CNCFlora.





Grevilha

Nome científico:

Grevillea robusta A.Cunn. ex R.Br.

Família: Proteaceae



OCORRÊNCIA: popularmente conhecida como grevilha, é uma espécie nativa da Austrália, amplamente utilizada na arborização urbana e introduzida em diversos países da Ásia, África, América do Norte, América do Sul, América Central e Europa. No Brasil, é encontrada em toda a região Sul e Sudeste, além de partes do Centro-Oeste e Nordeste, especialmente em áreas da Mata Atlântica e Cerrado, em locais antropizados.



BREVE DESCRIÇÃO DA PLANTA: árvore de 15 a 20 metros de altura, com tronco reto, cilíndrico e casca amarronzada, marcada por sulcos. As folhas são grandes, alternadas, coriáceas, compostas bipinadas, com folíolos lineares e lobados, verde-escuros e opacos na face superior e acinzentadas na inferior. As flores são amarelo-alaranjadas, dispostas em espigas axilares ou terminais. Os frutos são folículos ovoides, achatados, lenhosos e deiscentes, com 1 a 2 sementes aladas.



ÉPOCA DE FLORAÇÃO: a floração começa em agosto e vai até dezembro, período correspondente à estação seca e ao início do verão no Brasil.



CARACTERÍSTICAS ECOLÓGICAS: tem suas flores polinizadas por abelhas e pássaros, atraídos pelo néctar. A dispersão das sementes ocorre por meio do vento. Amplamente cultivada com fins ornamentais e para sombreamento em sistemas agroflorestais.



STATUS DE CONSERVAÇÃO: Pouco Preocupante (LC) pela Lista Vermelha da IUCN, no que se refere ao risco de extinção.

Jabuticabeira



Nome científico:

Guapurium peruvianum Poir.

Família: Myrtaceae



OCORRÊNCIA: é uma espécie típica da Mata Atlântica, registrada nas regiões Nordeste, Sudeste e Sul do Brasil, onde ocorre em florestas ombrófilas densas (tropicais pluviais) e florestas ombrófilas mistas.



BREVE DESCRIÇÃO DA PLANTA: árvore semidecídua, de 3 a 15 m de altura, com copa estreita e densa. O tronco apresenta casca lisa, fina, de cor pardo-clara e manchada. As folhas, simples, opostas, pequenas, glabras e distícas. As flores são pequenas, aglomeradas sobre o caule e ramos (cauliflora) e de coloração branca. Os frutos são subglobosos, de coloração preta com polpa suculenta e geralmente doce.



ÉPOCA DE FLORAÇÃO: a jabuticabeira floresce principalmente entre setembro e novembro, podendo, contudo, apresentar duas floradas ao longo do ano.



CARACTERÍSTICAS ECOLÓGICAS: os frutos da jabuticabeira exercem forte atratividade sobre a fauna, sendo consumidos por várias espécies de aves, incluindo psitacídeos, saís, saíras, sabiás, tiês e pica-paus, bem como por diferentes mamíferos, como capivaras, porcos-do-mato, cutias, macacos, micos e quatis.



STATUS DE CONSERVAÇÃO: Segundo o CNCFlora, é classificada como Pouco Preocupante (LC).





Ipê-amarelo

Nome científico:

Handroanthus chrysotrichus (Mart. ex DC.)
Mattos

Família: Bignoniaceae



OCORRÊNCIA: é uma espécie nativa do Brasil, presente nos biomas Cerrado, Mata Atlântica e Pampa. Ocorre nas regiões Nordeste, Sudeste e Sul, habitando Carrasco, Cerrado, Floresta Ombrófila, Restinga e Afloramentos Rochosos.



BREVE DESCRIÇÃO DA PLANTA: é uma árvore de pequeno porte, podendo atingir até 10 metros de altura, com ramos tendendo de quadrangulares a cilíndricos, recobertos por tricomas rufescentes. Suas folhas são compostas, com 3 a 5 folíolos oblongos, de margens inteiras a levemente dentadas, base truncada ou obtusa e ápice cuspidado. As flores são amarelas, com estrias avermelhadas e cálice tubular viloso. O fruto é linear-cilíndrico, avermelhado e viloso, contendo sementes delgadas com asas membranáceas translúcidas.



ÉPOCA DE FLORAÇÃO: a floração ocorre entre agosto e novembro, período em que a árvore perde suas folhas, exibindo flores vistosas que são atrativas para abelhas e outros polinizadores. A frutificação ocorre de setembro a dezembro.



CARACTERÍSTICAS ECOLÓGICAS: desempenha um papel relevante na regeneração de ecossistemas, sendo frequentemente utilizada em projetos de reflorestamento e paisagismo urbano devido à sua beleza ornamental. A espécie polinizadas por abelhas ápise manangavas.



STATUS DE CONSERVAÇÃO: ainda não foi avaliada quanto ao risco de extinção (NA), de acordo com o CNCFlora. Entretanto, sua ampla distribuição sugere que a espécie não enfrenta grandes ameaças no momento.

Ipê-roxo



Nome científico:

Handroanthus impetiginosus (Mart. ex DC.)
Mattos

Família: Bignoniaceae



OCORRÊNCIA: conhecido popularmente como ipê-roxo, é uma espécie nativa do Brasil, ocorrendo em diversos biomas, incluindo Amazônia, Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica e Pantanal. É encontrada em diferentes tipos de vegetação, como Floresta Estacional Decidual, Floresta Estacional Semidecidual, Floresta Ombrófila e Savana. Sua ampla distribuição reflete a adaptabilidade a variados ecossistemas e condições climáticas.



BREVE DESCRIÇÃO DA PLANTA: é uma árvore de médio a grande porte que pode atingir até 30 metros de altura, com tronco revestido por casca grossa e fissurada. As folhas são compostas, geralmente com cinco folíolos de margens serrilhadas. Durante a floração, que ocorre na estação seca, a árvore perde suas folhas, exibindo flores tubulares de coloração rosa-arroxeadada intensa, que formam um espetáculo visual marcante. Os frutos são cápsulas alongadas e deiscentes, contendo sementes aladas adaptadas para dispersão pelo vento.



ÉPOCA DE FLORAÇÃO: a floração ocorre entre julho e setembro, coincidindo com a estação seca, e as flores são polinizadas principalmente por abelhas e outros insetos. A frutificação se dá entre setembro e dezembro, com as sementes sendo dispersas pelo vento (anemocoria).

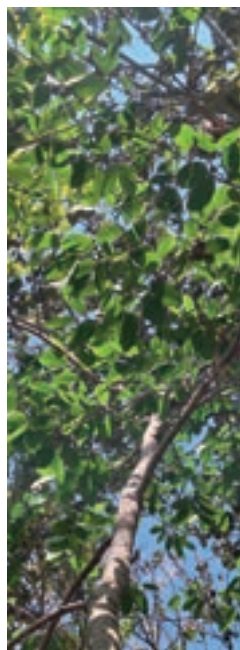


CARACTERÍSTICAS ECOLÓGICAS: desempenha um papel ecológico significativo, fornecendo néctar para polinizadores durante a floração e servindo de habitat para diversas espécies. É frequentemente utilizada em projetos de restauração ecológica, arborização urbana devido à sua resistência e valor ornamental.



STATUS DE CONSERVAÇÃO: Pouco Preocupante (LC), de acordo com a avaliação do CNCFlora (2012). Apesar disso, a espécie pode ser impactada pela exploração excessiva.





Jatobá-do-nordeste, jatobazão, jatobá-da-folha-grande

Nome científico:

Hymenaea longifolia (Benth.) I.M.Souza, Funch & L.P.Queiroz

Família: Fabaceae



OCORRÊNCIA: é uma espécie nativa e endêmica do Brasil. Está presente nos domínios fitogeográficos da Caatinga e do Cerrado. Habita áreas classificadas como savanas secas, sendo característica de ambientes com solos bem drenados e sazonalidade climática acentuada.



BREVE DESCRIÇÃO DA PLANTA: espécie arbórea de grande porte, podendo atingir até 30 metros de altura, com casca em escamas. As folhas são compostas, bifolioladas, grandes sendo uma das maiores dentre as espécies de jatobá do Brasil, de consistência cartácea, glabra ou glabrescente. As flores são de coloração branca a creme, com botões florais acinzentados a castanhos. O fruto é uma vagem indeiscente, de coloração castanha escura. As sementes, em número de 3 a 7 por fruto, são de coloração castanha escura.



ÉPOCA DE FLORAÇÃO: sua floração ocorre nos meses de novembro e dezembro.



CARACTERÍSTICAS ECOLÓGICAS: seus frutos atraem mamíferos como antas, cotias e pacas, que se alimentam de sua polpa farinácea e, como consequência, promovem a dispersão de suas sementes a longas distâncias. Na restauração ecológica, especialmente por meio do método da floresta de sementes, a espécie exerce um papel importante, já que a presença de mamíferos de médio e grande porte em áreas em recuperação é um forte indicativo do restabelecimento das interações ecológicas e da retomada da funcionalidade do ecossistema.



STATUS DE CONSERVAÇÃO: Pouco Preocupante (LC), indicando que a espécie não enfrenta risco imediato de extinção.

Cutieira, boleira



Nome científico:

Joannesia princeps Vell.

Família: Euphorbiaceae



OCORRÊNCIA: é encontrada nos biomas Caatinga, Cerrado e Mata Atlântica, ocorrendo nas fitofisionomias de floresta ombrófila, floresta decidual e semidecidual, restinga, floresta de galeria e caatinga.



BREVE DESCRIÇÃO DA PLANTA: árvore que atinge de 10 a 30 m de altura, com tronco cilíndrico e reto, casca castanho-clara, com lenticelas visíveis. As folhas são compostas e digitadas, glabras, bordas ondulada. Apresenta duas glândulas na inserção dos peciólulos. As flores são pequenas, numerosas e brancas. Os frutos são drupóides, de coloração verde-escuro com pontuações cinzas, opacos, com superfície rugosa e ondulada. Quando maduros, abrem-se em 3 ou 4 valvas lenhosas, expondo um endocarpo seco, lenhoso e indeiscente, de coloração bege a castanha, que envolve as sementes.



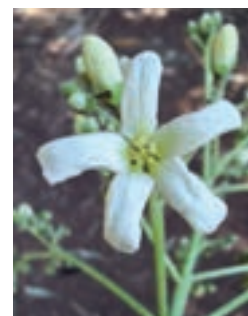
ÉPOCA DE FLORAÇÃO: a floração da espécie ocorre de outubro a novembro em Minas Gerais.



CARACTERÍSTICAS ECOLÓGICAS: trata-se de uma espécie pioneira e semicaducifólia, cujos principais vetores de polinização são abelhas e outros pequenos insetos. A dispersão das sementes ocorre por gravidade e com a ajuda de roedores, como a cutia. Comumente encontrada em vegetações secundárias, capoeiras, capoeirões e florestas secundárias, essa espécie é considerada essencial na recomposição de áreas degradadas, contribuindo para a recuperação do solo por meio da deposição de folhas secas.



STATUS DE CONSERVAÇÃO: a espécie ainda não foi avaliada quanto ao risco de extinção pela Lista Vermelha da IUCN.





Mogno-africano

Nome científico:

Khaya ivorensis A.Chev.

Família: Meliaceae



OCORRÊNCIA: é uma espécie nativa da África Tropical Ocidental e Centro-Occidental. Devido ao seu alto valor comercial e à qualidade de sua madeira, foi introduzida no Brasil, onde atualmente está presente em diversos plantios comerciais, com destaque para os estados de São Paulo, Minas Gerais e Pará.



BREVE DESCRIÇÃO DA PLANTA: árvore de grande porte, alcançando de 40 a 55 metros de altura, com tronco de até 210 cm de diâmetro, casca castanha e escamosa, e ritidoma de coloração vermelho-vivo ou rosada. As folhas são compostas, com 8 a 14 folíolos ovais ou elípticos. As flores são, branco-amareladas e perfumadas, reúnem-se em panículas. O fruto um capsula, castanho, que se abre quando maduro, contendo numerosas sementes aladas e achatadas.



ÉPOCA DE FLORAÇÃO: no Brasil, o mogno-africano floresce e frutifica apenas uma vez por ano. Contudo, em seu ambiente natural, essa espécie pode produzir flores e frutos mais de uma vez ao longo do ano.



CARACTERÍSTICAS ECOLÓGICAS: suas flores perfumadas atraem polinizadores, como abelhas e outros pequenos insetos, enquanto os frutos, ao amadurecerem, se abrem e liberam as sementes, que são dispersas pelo vento.



STATUS DE CONSERVAÇÃO: embora seja cultivada comercialmente em diversos países, é classificada como Vulnerável pela Lista Vermelha da IUCN, devido à exploração excessiva e à baixa regeneração.

Mirindiba-rosa

Nome científico:

Lafoensia glyptocarpa Koehne

Família: Lythraceae



OCORRÊNCIA: a espécie apresenta ocorrência no Cerrado e na Mata Atlântica. Trata-se de uma espécie endêmica do Brasil.



BREVE DESCRIÇÃO DA PLANTA: árvore que pode atingir até 25 metros de altura, com folhas simples, margens onduladas, glabras e brilhantes na face superior. No ápice das folhas, há uma glândula que secreta substância adocicada (nectário extrafloral) bem evidente. As flores apresentam pétalas brancas que se desprendem com facilidade. O fruto é uma cápsula lenhosa, deiscente, permanecendo aderido à planta mesmo após a liberação das sementes. As sementes são achatadas, de coloração dourada e com as asas que auxiliam sua dispersão.



ÉPOCA DE FLORAÇÃO: a florada ocorre entre os meses de junho a agosto.



CARACTERÍSTICAS ECOLÓGICAS: a polinização da espécie é realizada principalmente por morcegos da família Phyllostomidae.



STATUS DE CONSERVAÇÃO: Em Perigo (EN), segundo o sistema de categorias de ameaça da CNCFlora. Isso significa que a espécie enfrenta um alto risco de extinção na natureza.





54



Sapucaia

Nome científico:

Lecythis pisonis Cambess.

Família: Lecythidaceae



OCORRÊNCIA: está presente nos biomas Amazônia, Cerrado e Mata Atlântica, ocorrendo nas fitofisionomias de Floresta Estacional Semidecidual, Floresta Ombrófila Densa, mata ciliar, mata de galeria, várzea e restinga.



BREVE DESCRIÇÃO DA PLANTA: pode atingir até 50 m de altura. Seu tronco reto pode apresentar sapopemas, e a casca, de coloração escura, é marcada por cristas planas, sinuosas e entrelaçadas. Embora seja uma espécie decídua, sua folhagem se destaca pelas cores marrom e rosa quando jovem, e verde à medida que envelhece, formando uma copa densa e ampla. As folhas são alternas, com margens crenuladas, sendo cartáceas quando jovens e coriáceas e glabras quando adultas. As flores têm coloração azul-escura ou violeta. O fruto, que pode pesar até 2 kg, é um píxidio lenhoso deiscente, de formato oval, com uma tampa abaulada por fora e uma coluna cônica por dentro, onde as sementes ficam dispostas.



ÉPOCA DE FLORAÇÃO: ocorre no Cerrado entre agosto e janeiro.



CARACTERÍSTICAS ECOLÓGICAS: as flores da sapucaia atraem abelhas para a polinização, enquanto seus frutos são dispersos pela fauna que se alimenta deles. Sendo uma espécie caducifólia, ela contribui para a manutenção dos nutrientes do solo por meio do depósito de matéria orgânica de suas folhas. Não é uma espécie pioneira, necessitando de ambientes mais estáveis para se estabelecer.



STATUS DE CONSERVAÇÃO: Pouco Preocupante (LC) quanto ao risco de extinção, de acordo com o CNCFlora.

Pau-ferro

Nome científico:

Libidibia leiostachya (Benth.) F.G.Oliveira & L.P.Queiroz

Família: Fabaceae



OCORRÊNCIA: é uma espécie nativa que ocorre predominantemente na região Nordeste do Brasil, onde pode ser encontrada nos biomas Mata Atlântica e Caatinga, especialmente no estados do Alagoas, Bahia, Sergipe, Espírito Santo e Rio de Janeiro. Além de sua distribuição natural, a espécie é amplamente utilizada na arborização urbana em diversas regiões do país.



BREVE DESCRIÇÃO DA PLANTA: é uma árvore perenifólia que atinge cerca de 35 metros de altura, com tronco curto, casca branca com manchas cinza, lisa, fina, que se renova anualmente. Suas folhas são compostas, bipinadas, glabras e de margem inteira. As flores são amarelas, pequenas, aromáticas e possuem estandarte manchado de vermelho. Os frutos são vagens achatadas, duras, que não se abre quando maduras, de cor marrom-escuro, contendo várias sementes.



ÉPOCA DE FLORAÇÃO: apresenta floração durante os meses mais úmidos do ano (janeiro a maio), enquanto a frutificação e maturação dos frutos ocorrem no período mais seco (julho a setembro), acompanhando assim o regime sazonal de chuvas típico das regiões onde a espécie ocorre.



CARACTERÍSTICAS ECOLÓGICAS: espécie possui notável capacidade de atrair polinizadores, particularmente as abelhas mamangavas (*Xylocopa* spp.), que são frequentemente observadas visitando suas flores em busca de néctar e pólen. A dispersão acontece das sementes pela gravidade e por zoocoria.



STATUS DE CONSERVAÇÃO: de acordo com o CNCFlora, ainda não foi avaliada quanto ao seu status de ameaça de extinção.





56



Açoita-cavallo

Nome científico:

Luehea divaricata Mart.

Família: Malvaceae



OCORRÊNCIA: é encontrada nos biomas Mata Atlântica e Pampa, ocorrendo em diversas fitofisionomias, como floresta estacional, decidual e semidecidual, floresta ombrófila densa e mista, mata ciliar, restinga e savana.



BREVE DESCRIÇÃO DA PLANTA: árvore que atinge de 15 a 25 m de altura, com tronco tortuoso, com casca cinza-escura, áspera, com fissuras leves. As folhas são simples, alternas, dísticas, com estípulas evidentes e com margens serrilhadas. As flores são róseas a roxas, ocasionalmente brancas, organizadas em inflorescências do tipo cimeira. O fruto é uma cápsula castanha, lobada, oblongo, pentalocular, densamente piloso, contendo de 5 a 15 sementes.



ÉPOCA DE FLORAÇÃO: a floração ocorre entre os meses de dezembro e julho na Mata Atlântica, Não há dados sobre sua floração no Cerrado pois não ocorre naturalmente no bioma.



CARACTERÍSTICAS ECOLÓGICAS: a planta é hermafrodita e é polinizada principalmente por abelhas, como a *Apis mellifera*, e ocasionalmente por beija-flores, enquanto seus frutos e sementes são dispersos pelo vento.



STATUS DE CONSERVAÇÃO: não foi avaliada pelo CNCFlora quanto ao risco de extinção.

Magnólia-amarela

Nome científico:

Magnolia champaca (L.) Baill. ex Pierre

Família: Magnoliaceae



OCORRÊNCIA: espécie nativa do Sudeste Asiático e da Ásia Meridional e introduzida na América do Norte, Central e do Sul, e no continente africano. No Brasil, foi introduzida devido ao seu valor ornamental e é encontrada, principalmente, nos estados de Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo, além do Paraná.



BREVE DESCRIÇÃO DA PLANTA: espécie perenifólia de 7 a 10 metros de altura, com tronco cilíndrico e casca parda levemente fissurada. As folhas são simples, alternas, verde-claras, com 10 a 18 cm de comprimento, formato ovalado-lanceolado e margens levemente onduladas. As flores são amarelas, aromáticas, solitárias e axilares, com sépalas e pétalas lanceoladas. Os frutos são cápsulas verde-acinzentadas, coriáceas, deiscentes, com lenticelas esbranquiçadas e sementes oleaginosas.



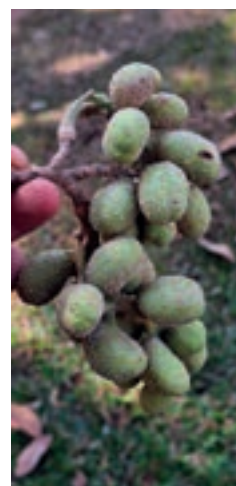
ÉPOCA DE FLORAÇÃO: floresce entre outubro e novembro, exalando um perfume intenso que pode ser percebido à distância.



CARACTERÍSTICAS ECOLÓGICAS: suas flores aromáticas atraem diversos insetos responsáveis pela polinização, além de pássaros como o beija-flor-de-banda-branca (*Chrysuronia versicolor*). Seus frutos deiscentes liberam sementes muito apreciadas pela avifauna, incluindo o sabiá-laranjeira (*Turdus rufiventris*) e o tucano-de-bico-verde (*Ramphastos dicolorus*), tornando a espécie ecologicamente relevante tanto pela atração de polinizadores quanto como fonte de alimento para aves. A magnólia-amarela também tem grande importância cultural e religiosa em alguns países asiáticos.



STATUS DE CONSERVAÇÃO: Pouco Preocupante (LC) quanto ao risco de extinção, pela Lista Vermelha da IUCN.





58



Buriti

Nome científico:

Mauritia flexuosa L.f.

Família: Arecaceae



OCORRÊNCIA: distribui-se amplamente no Brasil, nos biomas Amazônia, Cerrado e Pantanal, ocorrendo em campos inundáveis, várzeas, veredas, palmeirais e matas ciliares.



BREVE DESCRIÇÃO DA PLANTA: palmeira que pode atingir de 10 a 25 m de altura, dotada de raízes aéreas. As folhas são do tipo palmado, em formato de leque, dispostas em espiral na copa, com bainha aberta e fibras grossas envolventes. O pecíolo é longo e pode apresentar espinhos nas margens. As inflorescências são interfoliares, ramificadas, com numerosos ramos densamente floríferos; as flores possuem coloração amarelo-alaranjada. Os frutos são carnosos, de coloração castanho-avermelhada, com superfície recoberta por escamas.



ÉPOCA DE FLORAÇÃO: o buriti apresenta floração de fevereiro a setembro no Cerrado.



CARACTERÍSTICAS ECOLÓGICAS: ocorre frequentemente em agrupamentos homogêneos, conhecidos como buritizais. A polinização de suas flores é realizada por insetos, como besouros, e também pelo vento. Além disso, a espécie produz anualmente uma grande quantidade de frutos, que são consumidos e dispersos pela fauna.



STATUS DE CONSERVAÇÃO: não foi avaliada pelo CNCFlora quanto ao risco de extinção.

Melaleuca

Nome científico:

Melaleuca leucadendra (L.) L.

Família: Myrtaceae



OCORRÊNCIA: espécie nativa da Austrália (Austrália Ocidental, Queensland e Território do Norte), Indonésia (Maluku) e Papua-Nova Guiné. Amplamente cultivada em regiões tropicais, com registros de naturalização local. Ocorre em florestas de terras baixas e áreas úmidas.



BREVE DESCRIÇÃO DA PLANTA: árvore que pode atingir até 30 metros de altura, com ramos finos e pendentes. Possui casca esbranquiçada ou acinzentada, descamante em placas que lembram um papelão. As folhas lineares ou estreitamente lanceoladas, com textura coriácea, margens cartilaginosas e ápice acuminado. As inflorescências são espigas terminais ou axilares, compostas por numerosas flores agrupadas. Os frutos são cápsulas, persistentes, que se abrem quando maduros.



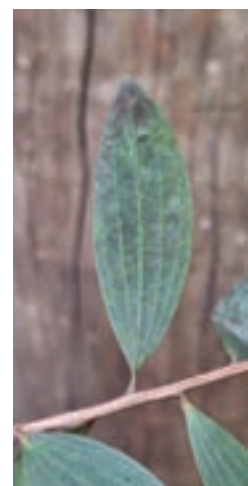
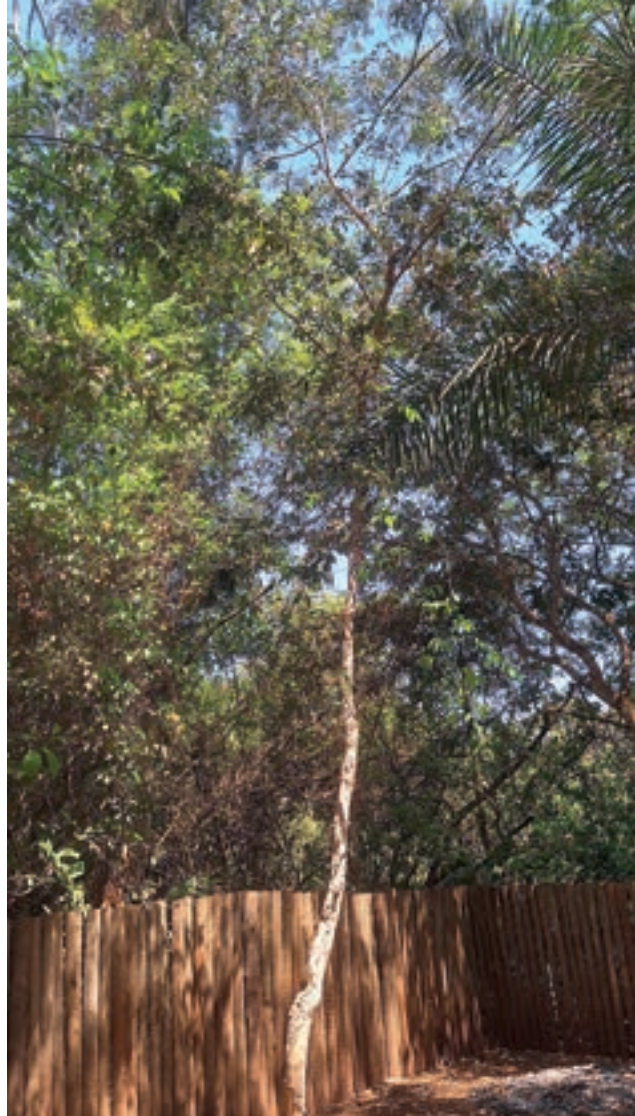
ÉPOCA DE FLORAÇÃO: pode florescer ao longo do ano todo.



CARACTERÍSTICAS ECOLÓGICAS: espécie adaptada a ambientes úmidos e tropicais, com capacidade de se naturalizar fora de sua área nativa. Suas flores atraem polinizadores e seus frutos persistem na planta por longo tempo. É comumente utilizada em paisagismo e arborização urbana devido à sua rusticidade e atributos ornamentais.



STATUS DE CONSERVAÇÃO: classificada como Dados Insuficientes (Data Deficient) pela Lista Vermelha da IUCN, conforme avaliação mais recente de 2021.





Cinamomo, santa-bárbara

Nome científico:

Melia azedarach L.

Família: Meliaceae



OCORRÊNCIA: é nativo da Ásia – em países como China, Índia, Nepal, Tailândia, Vietnã e Sri Lanka – e da Oceania, incluindo Austrália, Papua-Nova Guiné, Ilhas Salomão e Timor-Leste. *Melia azedarach* é capaz de habitar diversos ambientes, que variam desde florestas decíduas até regiões montanhosas e florestas tropicais nos países onde a espécie ocorre.



BREVE DESCRIÇÃO DA PLANTA: árvore decídua, que pode atingir até 10 metros de altura. Apresenta tronco com casca pardo-acinzentada, esfoliante longitudinalmente. As folhas são compostas, podendo ser imparipinadas, bipinadas ou tripinadas, com folíolos opostos e margens crenadas. Quando jovens, as folhas apresentam pilosidade em ambas as faces, tornando-se glabras com o tempo. As flores são perfumadas, lilás, dispostas em cachos pendentes. O fruto é uma drupa globosa a elipsoide, lenhoso de coloração marrom-claro e polpa pegajosa.



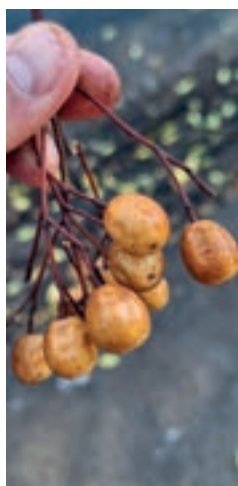
ÉPOCA DE FLORAÇÃO: no Brasil, floresce de setembro a novembro.



CARACTERÍSTICAS ECOLÓGICAS: os frutos atraem aves que dispersam suas sementes, razão pela qual a espécie passou a ser considerada invasora em algumas regiões do sul do Brasil.



STATUS DE CONSERVAÇÃO: Pouco Preocupante (LC) pela Lista Vermelha de Espécies Ameaçadas da IUCN (2017).



Sabiá



Nome científico:

Mimosa caesalpinifolia Benth.

Família: Fabaceae



OCORRÊNCIA: é nativa do bioma Caatinga no Nordeste do Brasil, mas também ocorre na Mata Atlântica em áreas de transição.



BREVE DESCRIÇÃO DA PLANTA: é uma árvore de médio porte, conhecida popularmente como sabiá, com altura variando de 6 a 8 metros. Suas folhas são compostas, bipinadas, com folíolos elípticos, e suas flores são pequenas e brancas, dispostas em espigas. A planta é valorizada por sua madeira resistente e durável.



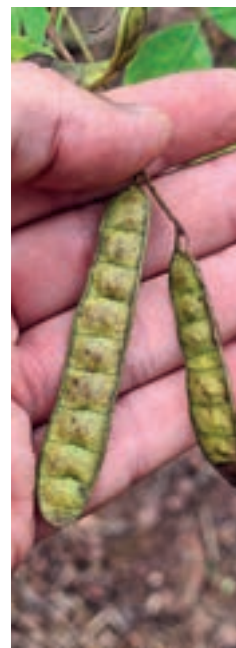
ÉPOCA DE FLORAÇÃO: a floração ocorre principalmente na estação seca, com flores que atraem polinizadores como abelhas.



CARACTERÍSTICAS ECOLÓGICAS: a espécie desempenha um papel importante na restauração ecológica, devido à sua capacidade de fixar nitrogênio no solo através de simbiose com bactérias, o que melhora a fertilidade do solo e beneficia outras plantas.

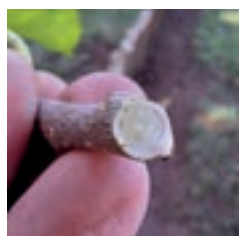


STATUS DE CONSERVAÇÃO: Pouco Preocupante, de acordo com o CNCFlora. Isso se deve pelo fato do Sabiá ser amplamente utilizado como cerca viva no país, a ponto de ser espontânea ou mesmo não desejável na restauração florestal.





62



Amoreira

Nome científico:

Morus nigra L.

Família: Moraceae



OCORRÊNCIA: originária do continente asiático, é amplamente cultivada no Brasil, sendo encontrada em todas as regiões, com destaque para as regiões Sul e Sudeste.



BREVE DESCRIÇÃO DA PLANTA: é uma espécie caducifólia que atinge entre 7 e 12 metros de altura. Seu tronco é revestido por uma casca quase lisa, de coloração cinza a marrom, e seus ramos formam uma copa achatada, semelhante a um guarda-chuva. As folhas são simples, obovadas, cartáceas, com a face superior áspera e a face inferior pubescente; elas são lobadas quando jovens e apresentam margens serradas quando adultas. As flores, organizadas em amentilhos pendentes, medem entre 2 e 3 mm de comprimento. As flores masculinas possuem pétalas arroxeadas e são pubescentes, enquanto as femininas têm pétalas marrons e também são peludas externamente. Os frutos são drupas compostas, de formato cilíndrico e superfície tuberculada. Sua coloração varia do vermelho para o preto conforme amadurecem, e sua polpa é agridoce e comestível.



ÉPOCA DE FLORAÇÃO: ocorre entre setembro e outubro, enquanto os frutos se formam de novembro a janeiro, período que coincide com a estação chuvosa em diversas regiões do Brasil.



CARACTERÍSTICAS ECOLÓGICAS: suas flores são polinizadas por pequenos insetos, e seus frutos são altamente apreciados pela avifauna. Apesar de ser uma espécie exótica, é amplamente utilizada como planta ornamental nas regiões sul e sudeste do Brasil. Seus frutos são empregados na produção de geleias, e suas folhas servem de alimento para o “bicho-da-seda”.



STATUS DE CONSERVAÇÃO: ainda não foi avaliada pelo CNCFlora quanto ao risco de extinção.

Cabreúva, bálsamo



Nome científico:

Myroxylon peruiferum L.f.

Família: Fabaceae



OCORRÊNCIA: ocorre nos biomas Cerrado e Mata Atlântica, nas fitofisionomias de mata ciliar, floresta estacional (decidual e semidecidual) e floresta ombrófila.



BREVE DESCRIÇÃO DA PLANTA: atinge aproximadamente 30 metros. Na mata, seu tronco é reto, com casca cinzenta e lisa, tornando-se rugosa na base em árvores mais velhas. Os ramos possuem lenticelas. Suas folhas, de superfícies brilhantes, são compostas imparipinadas, apresentando pontuações translúcidas. As flores, de coloração amarelo-branca, organizam-se em cachos no topo dos ramos ou nas axilas das folhas. Já o fruto é do tipo sâmara, alado de um lado e com a semente do outro, possuindo coloração amarelo-pardacenta e aroma característico.



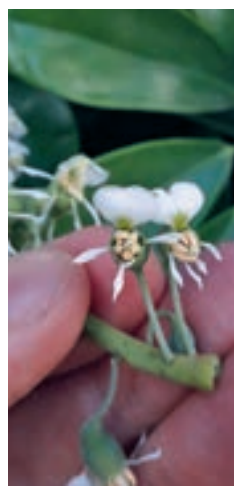
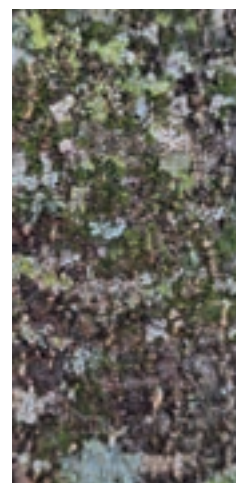
ÉPOCA DE FLORAÇÃO: floresce entre os meses de julho e setembro.



CARACTERÍSTICAS ECOLÓGICAS: é classificada como uma espécie não pioneira, necessitando de condições ambientais mais estabilizadas para seu desenvolvimento. As flores da cabreúva são polinizadas por abelhas, enquanto seus frutos e sementes são dispersos pelo vento.



STATUS DE CONSERVAÇÃO: Pouco Preocupante (LC) quanto ao risco de extinção, de acordo com o CNCFlora.





Pau-balsa

Nome científico:

Ochroma pyramidale (Cav. ex Lam.) Urb.

Família: Malvaceae



OCORRÊNCIA: é nativa da região amazônica, com ocorrência confirmada nos estados do Acre, Amazonas e Pará, em áreas de floresta de terra firme.



BREVE DESCRIÇÃO DA PLANTA: as árvores maiores podem atingir até 30 metros de altura. As folhas são simples com estípulas conspicuas e tardiamente caducas, inteiras ou com 3 a 5 lobos, formato oval e base cordada. Suas folhas são glabras na face superior e pilosas na face inferior. As flores são grandes e vistosas, solitárias, com partes cobertos por tricomas amarronzados, caducos e irritantes. Os frutos são cápsulas sublenhosas, de forma alongada, que se abrem em cinco partes, escuras e glabras. Quando maduros, liberam um pequeno tufo de lã de coloração marrom, no qual estão inseridas numerosas sementes.



ÉPOCA DE FLORAÇÃO: a floração ocorre entre os meses de maio e agosto.



CARACTERÍSTICAS ECOLÓGICAS: é amplamente utilizado como planta ornamental devido à sua copa vistosa e floração expressiva. Apresenta crescimento rápido, sendo ideal para projetos paisagísticos em regiões tropicais. Contudo, é sensível a geadas. Suas flores são fortemente atrativas para morcegos, que atuam como principais agentes polinizadores da espécie.



STATUS DE CONSERVAÇÃO: segundo o CNCFlora, a espécie ainda não foi avaliada quanto ao risco de ameaça.

Munguba, falso-cacau



Nome científico:

Pachira aquatica Aubl.

Família: Malvaceae



OCORRÊNCIA: é uma espécie nativa da região Norte do Brasil, onde ocorre naturalmente no bioma Amazônia, especialmente em formações de mata ciliar e áreas de várzea.



BREVE DESCRIÇÃO DA PLANTA: é uma árvore com altura entre 10 e 20 metros. Suas folhas são digitadas e compostas, glabras e cartáceas, com face abaxial discolora e comprimento de 15 a 20 cm. As flores são grandes, chamativas, branco-amareladas com extremidades avermelhadas. Seus frutos são cápsulas lenhosas indeiscentes, de coloração marrom, contendo pouca polpa marrom-dourada e inúmeras sementes angulosas.



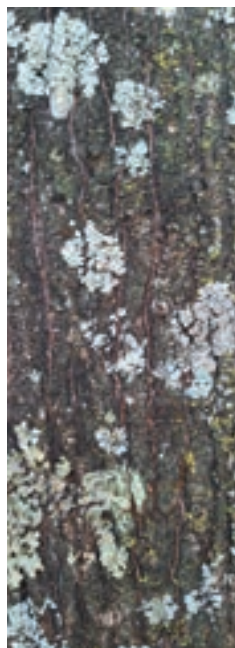
ÉPOCA DE FLORAÇÃO: apresenta floração durante os meses mais quentes e úmidos (outubro a fevereiro), coincidindo com o período de chuvas em grande parte do Brasil.



CARACTERÍSTICAS ECOLÓGICAS: é uma espécie secundária e perenifólia, típica de terrenos inundáveis às margens de rios e igapós. Suas flores, polinizadas principalmente por morcegos e marsupiais, dão origem a frutos que são produzidos em grande quantidade anualmente e dispersos pela fauna. As sementes, bastante apreciadas tanto por animais quanto por comunidades amazônicas, destacam-se como um importante recurso ecológico e cultural nesses ecossistemas.



STATUS DE CONSERVAÇÃO: a espécie ainda não foi avaliada pela Lista Vermelha da IUCN quanto ao risco de extinção.





Castanha-do-maranhão

Nome científico:

Pachira glabra

Família: não informado



OCORRÊNCIA: tem ocorrências confirmadas nas regiões Nordeste (Bahia), Sudeste (Espírito Santo, Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo) e Está presente na Mata Atlântica ocorrendo em florestas estacionais semidecíduais e florestas ombrófilas.



BREVE DESCRIÇÃO DA PLANTA: é uma árvore de pequeno porte, podendo atingir até 6 metros de altura na fase adulta. Apresenta casca fina, com até 5 mm de espessura, de coloração verde e superfície lisa, marcada por lenticelas brancas. As folhas são alternas, compostas digitadas, com 5 a 8 folíolos, de margem inteira e estípulas caducas. As flores são solitárias com longos estames dispostos em forma de pincel, de coloração esbranquiçada. Os frutos são cápsulas, semilenhosas, deiscentes e permanecem verdes mesmo quando maduros. Cada fruto contém, muitas sementes, estriadas, castanhas, envoltas por densa pilosidade.



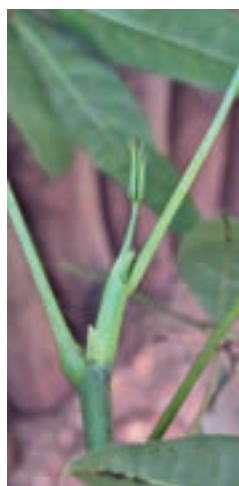
ÉPOCA DE FLORAÇÃO: a floração ocorre entre os meses de setembro e novembro.



CARACTERÍSTICAS ECOLÓGICAS: é uma espécie recomendada para arborização urbana devido ao seu porte moderado e copa ornamental. Suas flores são predominantemente polinizadas por abelhas, mas também atraem diversos outros insetos, desempenhando um papel importante na dinâmica ecológica urbana.



STATUS DE CONSERVAÇÃO: segundo o CNCFlora, a espécie ainda não foi avaliada quanto ao risco de ameaça.



Pau-brasil

Nome científico:

Paubrasilia echinata (Lam.) Gagnon,
H.C.Lima & G.P.Lewis

Família: Fabaceae



OCORRÊNCIA: é uma espécie endêmica do Brasil, distribuída na Mata Atlântica. Suas ocorrências confirmadas abrangem estados do Nordeste (Alagoas, Bahia, Paraíba, Pernambuco, Rio Grande do Norte, Sergipe) e Sudeste (Espírito Santo, Rio de Janeiro). Habita Florestas Estacionais Semidecíduais, Florestas Ombrófilas (Tropicais) e áreas de Restinga.



BREVE DESCRIÇÃO DA PLANTA: é uma árvore sempre-verde que alcança entre 10 e 15 metros de altura, apresentando copa arredondada quando cultivada de forma isolada. Possui acúleos nos ramos e no tronco. As folhas são compostas, bipinadas, brilhantes e glabras. As flores são amarelas, com manchas vermelhas, e intensamente perfumadas. Os frutos são vagens deiscentes, armadas com acúleos, contendo de duas a quatro sementes achatadas.



ÉPOCA DE FLORAÇÃO: a floração ocorre geralmente entre setembro e dezembro, com frutificação entre janeiro e abril.



CARACTERÍSTICAS ECOLÓGICAS: atrai polinizadores, como abelhas e aves, que visitam suas flores vibrantes. Seus frutos deiscem elasticamente, liberando sementes dispersadas por gravidade e ação de animais. A espécie tem grande importância cultural e histórica no Brasil, além de ser valorizada na produção de arcos para instrumentos musicais.



STATUS DE CONSERVAÇÃO: Em Perigo (EN) pela Lista Vermelha de Espécies Ameaçadas da IUCN (1998). Isso reflete a redução significativa de sua população.





Palmeira-fênix

Nome científico:

Phoenix roebelenii O'Brien

Família: Fabaceae



OCORRÊNCIA: a espécie é nativa de regiões tropicais e subtropicais do Sudeste Asiático, com ocorrência registrada no sul da China, Laos, Mianmar, Tailândia e Vietnã.



BREVE DESCRIÇÃO DA PLANTA: é uma palmeira de pequeno porte, com caules agrupados ou solitários, que atingem de 1 a 4 metros de altura. Possui tronco áspero com projeções pontiagudas. As folhas longas com folíolos lineares dispostos no mesmo plano e acúleos na base do raque. As inflorescências masculinas são pendentes e as femininas, eretas. Os frutos são obovóides, de coloração marrom-alaranjada a marrom-púrpura, com endosperma homogêneo.



ÉPOCA DE FLORAÇÃO: a floração não apresenta uma época determinada, podendo ocorrer em diferentes períodos do ano, variando conforme as condições climáticas da região e o bioma em que está inserida.



CARACTERÍSTICAS ECOLÓGICAS: apesar de ser uma espécie exótica, os frutos da palmeira-fênix atraem diversas espécies da avifauna, o que coloca a espécie com um comportamento invasor em ecossistemas florestais ou em processo de restauração.



STATUS DE CONSERVAÇÃO: segundo o CNCFlora e a IUCN, a espécie ainda não avaliada quanto ao risco de ameaça.

Pinheiro-americano

Nome científico:

Pinus caribaea Morelet

Família: Pinaceae



OCORRÊNCIA: é uma espécie exótica originária da América Central e Caribe. No Brasil, é amplamente cultivado em regiões tropicais e subtropicais para fins comerciais, especialmente em plantações florestais, devido ao seu rápido crescimento e madeira de alta qualidade.



BREVE DESCRIÇÃO DA PLANTA: é uma árvore de grande porte, que pode atingir até 30 metros de altura, com tronco reto e cilíndrico, recoberto por uma casca grossa e fissurada de coloração marrom-acinzentada. Suas folhas são aciculares (em forma de agulha), dispostas em grupos de duas ou três, medindo de 15 a 30 cm de comprimento. A copa é irregular, inicialmente cônica, tornando-se mais aberta e arredondada com o tempo. Os cones são ovais, com escamas rígidas, e contêm sementes aladas adaptadas para dispersão pelo vento.



ÉPOCA DE FLORAÇÃO: por ser tratar de uma Gimnospermas, não apresenta flores e frutos verdadeiros. Os cones masculinos e femininos, que contêm as estruturas reprodutivas, amadurecem em ciclos de 18 a 24 meses, liberando as sementes no início do período seco.



CARACTERÍSTICAS ECOLÓGICAS: embora seja uma espécie exótica no Brasil, *Pinus caribaea* é amplamente utilizado em reflorestamentos comerciais, paisagismo e recuperação de áreas degradadas. Contudo, seu cultivo requer manejo cuidadoso devido ao potencial de invasão ambiental e à competição com espécies nativas.



STATUS DE CONSERVAÇÃO: no Brasil, não é avaliada quanto ao risco de extinção, pois é uma espécie introduzida e amplamente cultivada. Em sua área de origem, na América Central e Caribe, a espécie está classificada como Pouco Preocupante (LC) na Lista Vermelha da IUCN.





Plátanus

Nome científico:

Platanus spp.

Família: Platanaceae



OCORRÊNCIA: devido à impossibilidade de determinar com precisão a espécie de *Platanus* presente no Sítio Dona Teresa, a identificação foi mantida em nível de gênero. O gênero *Platanus* ocorre naturalmente em regiões temperadas e tropicais do hemisfério norte. Está presente na Ásia (incluindo o Cáucaso, Ásia Ocidental e Sudeste Asiático), no sudeste da Europa e nas Américas, onde é nativo do leste do Canadá e grande parte dos Estados Unidos até o México e a Guatemala.



BREVE DESCRIÇÃO DA PLANTA: árvores de 20 a 40 m de altura, tronco robusto com casca descamante em placas, formando mosaico esbranquiçado e acinzentado. Folhas simples, alternas e lobadas, com ou sem pilosidade. Flores e frutos agrupam-se em inflorescências esféricas; os frutos, aquênios marrom-claros, são dispersos pelo vento. O gênero é frequentemente confundido com a espécie *Acer saccharum*, cujo formato de folha estampa a bandeira do Canadá.



ÉPOCA DE FLORAÇÃO: não há informações precisas sobre a floração, uma vez que a identificação foi restrita ao nível de gênero.



CARACTERÍSTICAS ECOLÓGICAS: o gênero *Platanus* geralmente apresenta bom desenvolvimento em regiões de clima frio e subtropical. No Brasil, os indivíduos deste gênero vegetam de forma mais satisfatória na região Sudeste, especialmente em áreas de maior altitude, como a Serra da Mantiqueira, e na região Sul do país, onde seu uso foi amplamente difundido no paisagismo e na arborização de praças e espaços urbanos.



STATUS DE CONSERVAÇÃO: não há informações precisas sobre o status de conservação.



Canzileiro, jacarandá-branco



Nome científico:

Platypodium elegans Vogel

Família: Malvaceae



OCORRÊNCIA: a espécie apresenta ampla distribuição natural no Brasil, ocorrendo nos biomas Amazônia, Caatinga, Cerrado e Mata Atlântica e em diferentes formações vegetacionais, como florestas ciliares, florestas de terra firme, formações estacionais e savanas. Fora do Brasil, sua ocorrência se estende desde a América Central até o Paraguai.



BREVE DESCRIÇÃO DA PLANTA: é uma espécie arbórea que pode atingir entre 10 e 20 metros de altura. Seu ritidoma é bastante fissurado, de coloração cinza. As folhas são alternas, compostas imparipinadas, com estípulas evidentes. A face adaxial dos folíolos é glabra, enquanto a face abaxial pode ser glabrescente ou levemente pilosa (pubérula). As flores são amarelas, com tonalidade semelhante ao amarelo-ovo, e dispõem-se em inflorescências do tipo racemo (cacho). A corola é papilionácea, apresentando um estandarte – pétala diferenciada das demais, característica típica da família Fabaceae. O fruto é uma sâmara lateralmente achatada, com uma protuberância rígida que abriga a semente.



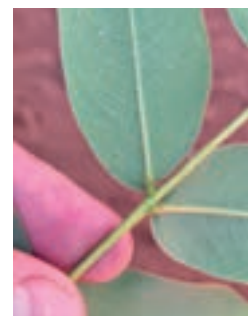
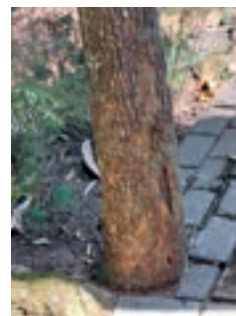
ÉPOCA DE FLORAÇÃO: no Cerrado, a floração ocorre entre os meses de setembro e novembro.



CARACTERÍSTICAS ECOLÓGICAS: espécie típica de formações florestais do Cerrado, *Platypodium elegans* tem como principais polinizadores as abelhas. Embora apresente crescimento rápido em campo quando estabelecida, seu desenvolvimento inicial é lento, tanto em viveiro quanto em plantios por semeadura direta.



STATUS DE CONSERVAÇÃO: ainda não foi avaliada quanto à sua categoria de ameaça, segundo o CNCFlora.





Quaresmeira-roxa

Nome científico:

Pleroma granulosum (Desr.) D. Don

Família: Melastomataceae



OCORRÊNCIA: pode ser encontrada nos biomas Cerrado e Mata Atlântica, nas fitofisionomias de Floresta Ombrófila Mista e em matas ciliares.



BREVE DESCRIÇÃO DA PLANTA: árvore que atinge entre 6 e 10 m de altura. Apresenta tronco reto, porém curto, com casca finamente fissurada, desprendendo-se em pequenas escamas. As folhas são simples, coriáceas, de coloração verde-escura, com cinco nervuras evidentes, sendo a central bem marcada. A lâmina foliar tem presença de tricomas na face superior. As flores são roxas, dispostas em inflorescência do tipo tirsóide. Os frutos são pequenos, do tipo cápsula.



ÉPOCA DE FLORAÇÃO: apresenta floração entre os meses de dezembro e março.



CARACTERÍSTICAS ECOLÓGICAS: é uma espécie pioneira, cujas flores são polinizadas por diversas espécies de abelhas. Suas sementes são dispersas pelo vento. Por ser tolerante ao pleno sol e por se adaptar a condições variadas de solo e clima, a Quaresmeira-roxa é considerada importante na restauração ecológica.



STATUS DE CONSERVAÇÃO: não foi avaliada quanto ao risco de extinção pelo CNCFlora.

Jasmin-do-caribe



Nome científico:

Plumeria pudica Jacq.

Família: Apocynaceae



OCORRÊNCIA: espécie nativa do Caribe, ocorrendo nas Antilhas Venezuelanas, América Central (Panamá) e América do Sul setentrional, com registros na Venezuela e Colômbia.



BREVE DESCRIÇÃO DA PLANTA: arbusto que pode atingir até 4 metros de altura, com cicatrizes foliares bem evidentes. As folhas são simples, alternas, alongadas a romboidais, por vezes quase lobadas, glabras na face superior e pubescentes nas nervuras da face inferior. As inflorescências são agrupadas em cachos terminais e as flores são brancas, com a parte interna de coloração amarela. Os frutos, do tipo folículo, medem de 5 a 10 cm, embora a espécie raramente os produza no Brasil.



ÉPOCA DE FLORAÇÃO: floresce ao longo de todo o ano, característica que a torna bastante cultivada como espécie ornamental em jardins residenciais.



CARACTERÍSTICAS ECOLÓGICAS: a baixa produção de frutos no Brasil provavelmente se deve à ausência de polinizador específico. O látex liberado pela planta é altamente tóxico, sendo necessário cuidado no manejo em ambientes com crianças e animais.



STATUS DE CONSERVAÇÃO: Pouco Preocupante (LC), de acordo com a IUCN (2018).





Árvore-da-chuva

Nome científico:

Samanea saman (Jacq.) Merr.

Família: Fabaceae



OCORRÊNCIA: é nativa no Belize, Bolívia, Colômbia, Costa Rica, El Salvador, Guatemala, Guiana, México, Nicarágua, Panamá e Venezuela, ocorrendo em florestas úmidas de terras baixas tropicais e subtropicais. A espécie é amplamente difundida por diversos países do mundo em razão do seu potencial ornamental.



BREVE DESCRIÇÃO DA PLANTA: árvores de 10 a 25 metros, com ramos jovens pilosos. Folhas bipinadas com folíolos oblongos, assimétricos, brilhantes acima e pubescentes abaixo. Inflorescências axilares com capítulos grandes. Flores marginais com corola avermelhada e estames bicolors; centrais sésseis com tubo estaminal longo. Fruto leguminoso, preto, oblongo, comprimido e septado. Sementes marrons.



ÉPOCA DE FLORAÇÃO: floresce entre agosto e setembro, com frutificação em dezembro.



CARACTERÍSTICAS ECOLÓGICAS: árvore melífera que atrai diversas espécies de abelhas e outros insetos.



STATUS DE CONSERVAÇÃO: Pouco Preocupante (LC), de acordo com a IUCN, com base na avaliação mais recente realizada em 2018.

Guapuruvu



Nome científico:

Schizolobium parahyba (Vell.) Blake

Família: Fabaceae



OCORRÊNCIA: ocorre naturalmente nos biomas Mata Atlântica e Amazônia. É encontrada em diversas fitofisionomias, incluindo Floresta Ciliar, Floresta de Terra Firme, Floresta Estacional Semidecidual e Floresta Ombrófila/Pluvial.



BREVE DESCRIÇÃO DA PLANTA: é uma árvore de grande porte, amplamente conhecida por seu crescimento rápido, podendo atingir até 35 metros de altura. Apresenta tronco cilíndrico, geralmente retilíneo, que desenvolve sapopemas em indivíduos mais antigos. Suas folhas são compostas bipinadas, alternas, de dimensões grandes, o que frequentemente leva à sua confusão com folhas de samambaias, devido ao formato e ao porte expressivo. As flores são de coloração amarela, grandes e vistosas, destacando-se pela aparência ornamental. Os frutos são do tipo sâmara, de tamanho considerável, contendo uma única semente envolta por uma estrutura de consistência semelhante ao papel, que favorece a dispersão anemocórica.



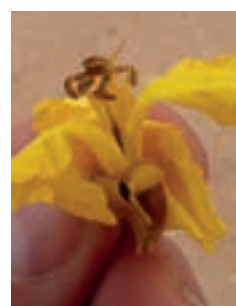
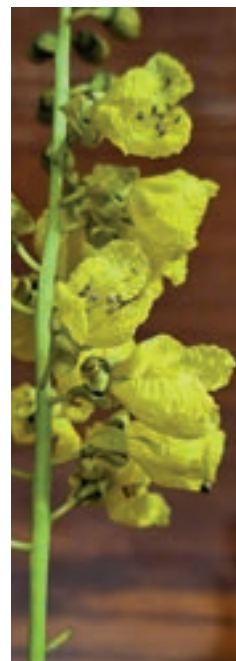
ÉPOCA DE FLORAÇÃO: a floração ocorre entre julho e novembro, sendo polinizada principalmente por abelhas. A frutificação se dá entre janeiro e julho, e os frutos são dispersos pelo vento (anemocoria).



CARACTERÍSTICAS ECOLÓGICAS: é uma espécie pioneira, com grande capacidade de adaptação a solos variados e condições de luminosidade. Ela também possui uma relação simbiótica com bactérias do solo que fixam nitrogênio, o que contribui para a melhoria da fertilidade do solo ao redor.



STATUS DE CONSERVAÇÃO: atualmente, esta espécie não foi avaliada quanto ao risco de extinção.





Monjoleiro

Nome científico:

Senegalia polyphylla (DC.) Britton & Rose

Família: Fabaceae



OCORRÊNCIA: é nativa de regiões tropicais e subtropicais da América do Sul, incluindo o Brasil, onde ocorre nos Amazônia, Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica e Pantanal.



BREVE DESCRIÇÃO DA PLANTA: é uma árvore decídua ou semidecídua que pode crescer entre 10 e 20 metros de altura. O tronco é geralmente reto e pode atingir um diâmetro de até 60 cm. A espécie é conhecida por seu crescimento rápido, podendo atingir até 5 metros em apenas dois anos. É uma árvore armada com acúleos nos ramos e, às vezes, no tronco. A casca externa pode ser íntegra e lenticelada ou dividida e descamante. As folhas são bipinadas, e as inflorescências são axilares e capituliformes.



ÉPOCA DE FLORAÇÃO: a floração, que ocorre principalmente nos meses de dezembro e janeiro, coincide com a estação chuvosa no Triângulo Mineiro.



CARACTERÍSTICAS ECOLÓGICAS: a espécie desempenha um papel importante na recuperação de áreas degradadas e é utilizada em reflorestamento devido à sua capacidade de fixar nitrogênio no solo através de simbiose com bactérias. Espécie amplamente utilizada em “floresta de sementes”, a semeadura direta.



STATUS DE CONSERVAÇÃO: não há uma avaliação da conservação da espécie pelo CNCFlora. A julgar pela ampla ocorrência em áreas de Cerrado e florestas deverá compor a classe Pouco Preocupante (LC), quando classificada.

Espatódea

Nome científico:

Spathodea campanulata P. Beauv.

Família: Bignoniaceae



OCORRÊNCIA: nativa do continente africano, foi introduzida no Brasil como planta ornamental, porém é considerada uma espécie com potencial invasivo.



BREVE DESCRIÇÃO DA PLANTA: espécie decídua que pode atingir até 20 metros de altura, com tronco de casca castanha, com de raízes tabulares. As folhas opostas e compostas, paripinadas, pubescentes em ambas as faces. As flores, dispostas em inflorescências axilares, são vermelhas a alaranjadas, com bordas franjadas e centro amarelo. Os frutos são cápsulas lenhosas e deiscentes.



ÉPOCA DE FLORAÇÃO: no Brasil, floresce entre os meses de novembro e abril, período que coincide, em grande parte do país, com a estação chuvosa e temperaturas mais elevadas, condições favoráveis ao desenvolvimento das flores.



CARACTERÍSTICAS ECOLÓGICAS: suas flores atraem abelhas e beija-flores, que desempenham um papel fundamental na polinização. A espécie é amplamente utilizada na arborização urbana; no entanto, pode se tornar invasora devido à sua capacidade de se dispersar para além das áreas onde foi originalmente plantada.



STATUS DE CONSERVAÇÃO: Pouco Preocupante (LC) pela Lista Vermelha da IUCN (2017), indicando que não enfrenta risco significativo de extinção.





Xixá-fedido

Nome científico:

Sterculia foetida

Família: Malvaceae



OCORRÊNCIA: é uma espécie originária do continente asiático. Foi introduzida no Brasil como espécie ornamental e é cultivada em estados como Alagoas, Bahia, Pernambuco, Piauí, Minas Gerais e Rio de Janeiro.



BREVE DESCRIÇÃO DA PLANTA: árvore caducifólia de até 30 metros de altura, com tronco reto, casca lisa e cinza-clara. Ramos pubescentes com cicatrizes foliares. As folhas são digitadas, compostas por 5 a 7 folíolos elípticos a elíptico-oblongos, coriáceos, glabros, com ápice agudo e margens inteiras. As flores, de odor forte, podem ser unissexuais ou bissexuais, com coloração entre vermelho opaco, amarelo e arroxeadado, e cálice campanulado. O fruto é um folículo lenhoso, avermelhado, quase glabro, com formato semelhante ao de um rim.



ÉPOCA DE FLORAÇÃO: tem flores de odor característico, que surgem entre os meses de março e abril, período que corresponde ao outono no Brasil. Nesse mesmo período, também ocorre o aparecimento da nova folhagem, característico da estação.



CARACTERÍSTICAS ECOLÓGICAS: espécie capaz de se desenvolver em locais com solo seco e pobre em nutrientes, bem como em áreas com baixa precipitação. No entanto, é mais comum em regiões tropicais, sendo frequentemente utilizada como planta ornamental em parques e jardins.



STATUS DE CONSERVAÇÃO: não foi avaliada pelo CNCFlora quanto ao risco de extinção.

Xixá



Nome científico:

Sterculia striata A.St.-Hil. & Naudin

Família: Malvaceae



OCORRÊNCIA: ocorre amplamente no Brasil, abrangendo regiões do Norte, Nordeste, Centro-Oeste e Sudeste. Está presente nos biomas da Amazônia, Caatinga, Cerrado e Mata Atlântica, em formações que incluem caatinga, cerrado, florestas ciliares, florestas estacionais e florestas ombrófilas.



BREVE DESCRIÇÃO DA PLANTA: árvore decídua que pode alcançar até 25 metros de altura, embora no Cerrado sejam comuns indivíduos em torno de 8 metros. Ritidoma cinzento e de aspecto áspero. Folhas palmadas, sustentadas por pecíolos de 10 a 20 cm de comprimento, de forma cordada ou com três a cinco lobos, apresentando a face superior glabra e a inferior tomentosa, medem entre 24 e 28 cm de comprimento. A inflorescência ocorre em panículas terminais bracteadas, que podem reunir até 50 flores, além de racemos dispostos nas axilas das folhas superiores. O fruto é uma folículo septicida, formada por até cinco valvas (ou menos, em caso de aborto), geralmente estipitada, com pericarpo lenhoso e coloração vermelha quando madura.



ÉPOCA DE FLORAÇÃO: a floração ocorre entre os meses de dezembro e março, conforme registros no estado de Minas Gerais.



CARACTERÍSTICAS ECOLÓGICAS: a polinização é realizada essencialmente por abelhas e por diversos insetos pequenos. A dispersão das sementes é predominantemente autocórica, do tipo barocórica, em que a queda das sementes ocorre por gravidade. Entretanto, a maioria das sementes é consumida por aves e outros animais silvestres. Entre os principais predadores destaca-se a maritaca, que consome os frutos ainda verdes para aproveitar as amêndoas tenras.



STATUS DE CONSERVAÇÃO: Pouco Preocupante (LC) de acordo com o CNCFlora.





Mogno-brasileiro

Nome científico:

Swietenia macrophylla King

Família: Fabaceae



OCORRÊNCIA: ocorre no Norte, Nordeste e Centro-Oeste do Brasil, distribuindo-se nos domínios da Amazônia, Cerrado e Mata Atlântica, em formações como florestas ciliares, de terra firme, de várzea, estacionais semidecíduais e ombrófilas pluviais.



BREVE DESCRIÇÃO DA PLANTA: é uma árvore de grande porte que pode alcançar até 50 m de altura. Apresenta casca espessa, pardo-avermelhada a castanho-clara, com fissuras profundas, tornando-se mais fina e marcada por lenticelas em indivíduos jovens. Suas folhas são compostas, alternas, paripinadas, concentradas no ápice dos ramos, com 8 a 12 folíolos oblongos a elípticos e glabros. As inflorescências são axilares ou ramifloras, reunindo pequenas flores unissexuais, perfumadas e frágeis ao toque. O fruto é uma cápsula lenhosa, ovóide, de coloração marrom, que se abre por deiscência septífraga e abriga sementes grandes, marrons e brilhantes, com até 9,5 cm de comprimento.



ÉPOCA DE FLORAÇÃO: a floração no Sudeste ocorre entre outubro e janeiro.



CARACTERÍSTICAS ECOLÓGICAS: a polinização é realizada principalmente por abelhas e mariposas. A dispersão das sementes ocorre durante o meio e o final da estação seca, por autocoria, com auxílio do vento. As sementes caem em padrão parabólico a partir da árvore-mãe, podendo atingir maiores distâncias em áreas com ventos constantes.



STATUS DE CONSERVAÇÃO: de acordo com o CNCFlora, é classificada como Vulnerável (VU).

Guariroba, coco-amargoso



Nome científico:

Syagrus oleracea (Mart.) Becc.

Família: Arecaceae



OCORRÊNCIA: é uma palmeira nativa do Brasil, ocorrendo principalmente nos biomas Cerrado, Caatinga e Mata Atlântica. A espécie é comum em formações de Cerrado sensu stricto, Floresta Estacional Semidecidual e áreas abertas, sendo adaptada a solos bem drenados e regiões de clima tropical sazonal.



BREVE DESCRIÇÃO DA PLANTA: palmeira de médio a grande porte, muito elegante, amplamente valorizada por seu uso na alimentação e paisagismo. Pode atingir de 10 a 30 metros de altura, com um tronco único, reto e cilíndrico, de até 40 cm de diâmetro, recoberto por restos de bainhas foliares. Suas folhas são pinadas, longas e arqueadas, conferindo um aspecto imponente. As flores surgem em inflorescências ramificadas, sendo de cor creme a amarelada. Seus frutos são drupas ovais, de coloração marrom-amarelada quando maduros, e contêm uma polpa fibrosa e nutritiva.



ÉPOCA DE FLORAÇÃO: a floração ocorre principalmente de setembro a novembro.



CARACTERÍSTICAS ECOLÓGICAS: durante a floração, atrai polinizadores como abelhas e besouros. A frutificação inicia-se em dezembro e pode se estender até março, com os frutos sendo dispersos por gravidade (barocoria) e animais frugívoros (zoocoria).



STATUS DE CONSERVAÇÃO: de acordo com os dados disponíveis, é amplamente distribuída e não apresenta risco imediato de extinção.





Jerivá, coqueiro-jerivá

Nome científico:

Syagrus romanzoffiana (Cham.) Glassman

Família: Arecaceae



OCORRÊNCIA: ocorre naturalmente nos biomas Mata Atlântica e Cerrado. É encontrada em diversas fitofisionomias, como Floresta Ombrófila, Floresta Estacional Semidecidual e áreas abertas de Cerrado, sendo amplamente distribuída no Brasil, especialmente em regiões de clima tropical e subtropical.



BREVE DESCRIÇÃO DA PLANTA: conhecida popularmente como, jerivá ou coqueiro-jerivá, *Syagrus romanzoffiana* é uma palmeira de médio a grande porte, amplamente cultivada por seu valor ornamental e ambiental. Pode atingir até 25 metros de altura, com um tronco cilíndrico e liso que apresenta anéis resultantes da queda das folhas. Suas folhas são pinadas e arqueadas, conferindo uma aparência elegante. Produz frutos ovais de cor alaranjada, amplamente consumidos por aves e mamíferos.



ÉPOCA DE FLORAÇÃO: a floração ocorre durante todo o ano, mas é mais intensa entre os meses de agosto e janeiro. A polinização é realizada por abelhas e outros insetos. A frutificação ocorre de janeiro a junho, com dispersão dos frutos por animais frugívoros (zoocoria).



CARACTERÍSTICAS ECOLÓGICAS: é uma espécie pioneira e desempenha um papel ecológico importante na alimentação de aves e pequenos mamíferos, que consomem seus frutos e ajudam na dispersão das sementes. É amplamente utilizada em programas de recuperação de áreas degradadas devido à sua capacidade de adaptação e ao crescimento em solos pobres do ponto de vista nutricional.



STATUS DE CONSERVAÇÃO: Pouco Preocupante (LC), de acordo com a Lista Vermelha da IUCN, graças à sua ampla distribuição e abundância.

Jambo, jambolão, jamelão



Nome científico:

Syzygium cumini

Família: Myrtaceae



OCORRÊNCIA: ocorre em diversos países do sul e sudeste asiático, além da Austrália, desenvolvendo-se principalmente em florestas úmidas tropicais e subtropicais de baixa altitude.



BREVE DESCRIÇÃO DA PLANTA: é uma árvore perenifólia que pode atingir entre 15 e 20 metros de altura. Sua casca é lisa, de coloração cinza-esbranquiçada. As folhas são simples, opostas, glabras, com textura coriácea e exalam aroma quando maceradas. As flores, de coloração branca, agrupam-se em panículas. Os frutos são drupas de cor preta quando maduros.



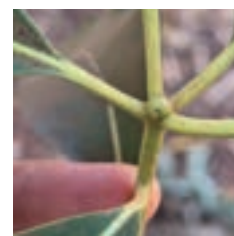
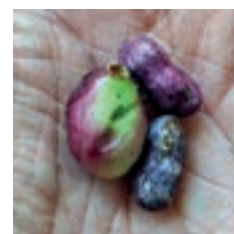
ÉPOCA DE FLORAÇÃO: floresce entre os meses de setembro e novembro.



CARACTERÍSTICAS ECOLÓGICAS: os frutos atraem aves que dispersam suas sementes, razão pela qual a espécie passou a ser considerada invasora em algumas regiões do sul do Brasil.



STATUS DE CONSERVAÇÃO: Pouco Preocupante (LC) pela Lista Vermelha da IUCN (2018).





Jambo-amarelo

Nome científico:

Syzygium jambos (L.) Alston

Família: Myrtaceae



OCORRÊNCIA: espécie nativa do continente asiático, com ocorrência predominante no Sudeste e Leste da Ásia. Introduzida no Brasil, está presente nas regiões Sul e Sudeste, além dos estados da Bahia e Goiás, em domínios de Cerrado e Mata Atlântica.



BREVE DESCRIÇÃO DA PLANTA: árvore de médio porte, com 10 a 15 m de altura. Tronco curto, com casca pardo-escura e textura irregular. Folhas simples, opostas e glabras. Quando jovens, são avermelhadas, tornando-se verde-brilhantes. Possuem glândulas translúcidas imersas no limbo. Flores grandes e branco-esverdeadas ou branco-amareladas, apresentam numerosos estames longos. Fruto carnoso, globoso. Sua cor varia de amarelo pálido a rosado ou avermelhado. Aromático e comestível, contém uma única semente esférica e marrom.



ÉPOCA DE FLORAÇÃO: no Brasil, a floração ocorre entre setembro e outubro, coincidindo com a transição entre o inverno e a primavera. Esse período é marcado pelo aumento das temperaturas e da umidade em diversas regiões, favorecendo o desenvolvimento das flores e a posterior frutificação.



CARACTERÍSTICAS ECOLÓGICAS: muito utilizada na arborização urbana devido à sua copa ampla e capacidade de proporcionar sombra. Suas flores atraem diversos insetos, que desempenham o papel de polinizadores. Seus frutos aromáticos e saborosos são apreciados pela fauna, que contribui para a dispersão das sementes. No entanto, apesar de seus atrativos, estudos indicam que o jambo-amarelo é considerado uma espécie invasora em algumas regiões do Brasil.



STATUS DE CONSERVAÇÃO: não foi avaliada pela Lista Vermelha da IUCN quanto ao risco de extinção.

Tamarindeiro



Nome científico:

Tamarindus indica L.

Família: Fabaceae



OCORRÊNCIA: não pertence à flora nativa do Brasil, sendo originária da África Tropical. No Brasil, é amplamente cultivada no Cerrado, Caatinga, e Mata Atlântica, especialmente em áreas com clima quente e seco. A espécie se adaptou bem ao ambiente brasileiro, sendo frequentemente encontrada em sistemas agroflorestais e áreas urbanas.



BREVE DESCRIÇÃO DA PLANTA: árvore de grande porte, que pode atingir até 25 metros de altura, com copa ampla e arredondada. Tronco grosso e rugoso, podendo alcançar até 1 metro de diâmetro. Folhas compostas, paripinadas, com de cor verde-clara. Flores são pequenas, de cor amarela com listras avermelhadas, agrupadas em inflorescências terminais. Frutos são vagens marrons, indeiscentes, com polpa muito ácida e rica em nutrientes, amplamente utilizada na culinária e na medicina tradicional.



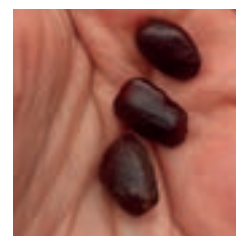
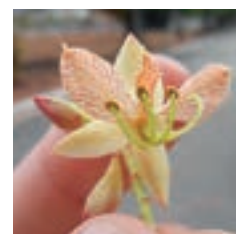
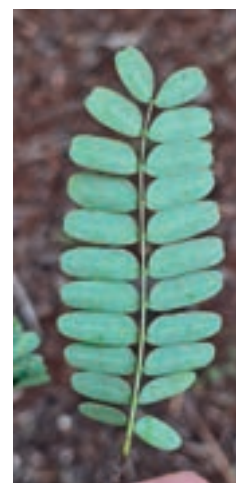
ÉPOCA DE FLORAÇÃO: entre agosto e outubro, dependendo das condições climáticas. Os frutos começam a amadurecer entre novembro e janeiro, permanecendo viáveis por um longo período. É dispersa, principalmente, por ação humana e, em menor escala, por animais frugívoros.



CARACTERÍSTICAS ECOLÓGICAS: é amplamente utilizada em projetos de arborização urbana e rural devido à sua resistência a períodos de seca e ao clima tropical. Embora não faça parte da flora nativa, a espécie se integra bem a agroecossistemas, oferecendo alimento para a fauna local e benefícios econômicos aos produtores rurais.



STATUS DE CONSERVAÇÃO: no Brasil, não foi avaliada quanto ao risco de extinção. Mas é considerada uma espécie Pouco Preocupante (LC) pela Lista Vermelha da IUCN, devido à sua ampla distribuição e cultivo.





Capitão-do-campo

Nome científico:

Terminalia argentea Mart. & Zucc.

Família: Combretaceae



OCORRÊNCIA: espécie amplamente distribuída no Brasil, ocorrendo nos domínios da Amazônia, Caatinga, Cerrado e Mata Atlântica, com registros do Pará ao Paraná e possíveis ocorrências no Maranhão. Habita diferentes formações vegetais, incluindo caatinga, cerrado, florestas ciliares ou de galeria, florestas estacionais semidecíduais e savanas amazônicas.



BREVE DESCRIÇÃO DA PLANTA: árvore de porte variável, alcançando de 4 até 50 m de altura, a depender do ecossistema onde a espécie vegeta. As folhas são simples, cartáceas, elípticas a ovais, com ápice agudo ou acuminado e base cuneada, apresentando indumento seríceo a glabrescente em ambas as faces. As inflorescências são espigde comprimento, de coloração amarela. O fruto é uma sâmara bialada, achatada e de coloração marrom-claro.



ÉPOCA DE FLORAÇÃO: no Cerrado, a floração ocorre de julho a setembro.



CARACTERÍSTICAS ECOLÓGICAS: a polinização é realizada principalmente por abelhas e moscas.



STATUS DE CONSERVAÇÃO: Pouco Preocupante (LC), de acordo com o CNCFlora.

Amendoeira-de-madagascar, sete-copas-africana



Nome científico:

Terminalia mantaly H.Perrier

Família: Combretaceae



OCORRÊNCIA: árvore nativa de Madagascar. Embora não faça parte da flora nativa brasileira, tem sido amplamente cultivada, especialmente em regiões tropicais e subtropicais, devido ao seu valor ornamental e à capacidade de adaptação a diferentes tipos de solo e clima.



BREVE DESCRIÇÃO DA PLANTA: árvore de médio a grande porte, podendo atingir entre 10 e 20 metros de altura. Tronco ereto, revestido por casca pálida e lisa. Folhas pequenas, verdes, simples, glabras e coriáceas, terminais nos ramos, com nervura central destacada e com domácias bem grandes. Flores pequenas, esverdeadas, reunidas em inflorescências em espigas eretas de até 5 cm de comprimento, de baixa relevância ornamental. Os frutos são drupas ovais, que passam de verdes a amarronzados ou negros.



ÉPOCA DE FLORAÇÃO: principalmente na primavera e no verão, com pequenas flores esbranquiçadas ou esverdeadas que, embora discretas, contribuem para a formação dos frutos subsequentes.

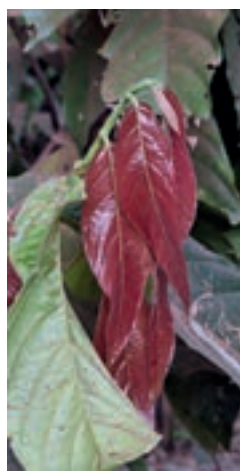


CARACTERÍSTICAS ECOLÓGICAS: tem sido amplamente utilizada em projetos de paisagismo urbano, como arborização de ruas, praças e parques, devido à sua copa em camadas que proporciona excelente sombreamento. Sua presença pode atrair fauna local, como pássaros e insetos, que utilizam a árvore como abrigo.



STATUS DE CONSERVAÇÃO: não possui avaliação de risco de extinção no Brasil.





Cacaueiro, cacau

Nome científico:

Theobroma cacao L.

Família: Malvaceae



OCORRÊNCIA: predominantemente distribuída pela região Norte do Brasil, especialmente no bioma Amazônico. Também pode ser encontrado na Mata Atlântica, com destaque para o estado da Bahia. Essa planta ocorre em diversos tipos de fitofisionomias, como floresta ombrófila densa, mata ciliar e mata de várzea.



BREVE DESCRIÇÃO DA PLANTA: árvore que atinge entre 4 e 12 metros de altura, com tronco de casca cinza-escuro. Folhas simples, de textura cartácea e de grandes dimensões. Flores pequenas, delicadas e se desenvolvem diretamente sobre o tronco, característica conhecida como cauliflora. Apresentam coloração amarela ou branca. Fruto grande, com superfície lisa, casca espessa, dura e rugosa, cuja coloração varia do verde ao amarelo ou roxo à medida que amadurece. A polpa, de coloração branca, é doce.



ÉPOCA DE FLORAÇÃO: floresce duas vezes ao ano, com maior intensidade entre dezembro e abril. Frutifica em dois períodos anuais, sendo mais expressivo entre abril e setembro.



CARACTERÍSTICAS ECOLÓGICAS: as flores do cacaueiro exalam um aroma doce e levemente fermentado, atraindo pequenos insetos, como abelhas e moscas, que realizam a polinização. A polpa dos frutos atrai diversos animais, que se alimentam dela e auxiliam na dispersão das sementes. Além de sua importância ecológica, a espécie possui grande relevância econômica, pois seus frutos são amplamente utilizados na produção de licores e chocolate.



STATUS DE CONSERVAÇÃO: não foi avaliada ainda pelo CNCFlora quanto ao risco de extinção.

Pau-formiga



Nome científico:

Triplaris americana L.

Família: Polygonaceae



OCORRÊNCIA: espécie nativa predominante na região Centro-Oeste do Brasil, especialmente no Cerrado e Pantanal. Ocorre em diversas fitofisionomias, incluindo campos inundáveis, matas ripárias, matas semidecíduas e de galeria.



BREVE DESCRIÇÃO DA PLANTA: árvore que atinge cerca de 20 metros de altura, com casca acinzentada e escamosa. Folhas simples, alternas e superfície glabra. Espécie dioica, com flores masculinas e femininas em indivíduos distintos. As masculinas apresentam coloração marrom-clara, enquanto as femininas são rosadas. Os frutos são alados, com três asas e densamente pilosos.



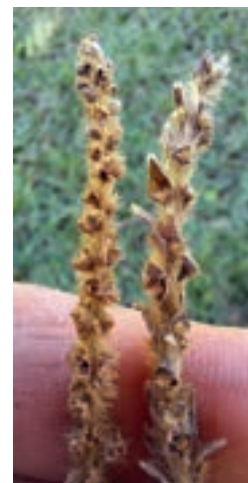
ÉPOCA DE FLORAÇÃO: no Cerrado, floresce entre agosto e outubro, frutificando de novembro a janeiro; já no Pantanal, a floração ocorre mais concentrada (agosto a setembro) e a frutificação antecipa-se (setembro a outubro), refletindo a adaptação da espécie aos diferentes ecossistemas.



CARACTERÍSTICAS ECOLÓGICAS: espécie adaptada a ambientes dinâmicos. Suas flores são polinizadas pelo vento (anemofilia), assim como suas sementes aladas são dispersas pelo mesmo mecanismo (anemocoria). Destaca-se por sua tolerância a inundações periódicas e por estabelecer uma relação mutualística única: formigas do gênero *Pseudomyrmex* habitam seus caules ocos, protegendo a planta contra herbívoros em troca de abrigo. Essa combinação – resistência a alagamentos, dispersão eficiente e defesa biológica – faz do pau-formiga uma espécie-chave em ecossistemas ripários e áreas sujeitas a perturbações sazonais.



STATUS DE CONSERVAÇÃO: a espécie ainda não foi avaliada pela Lista Vermelha da IUCN quanto ao risco de extinção.





Ucuúba, virola

Nome científico:

Virola sebifera Aubl.era

Família: não informado



OCORRÊNCIA: amplamente distribuída no Brasil, ocorre nas regiões Norte, Nordeste, Centro-Oeste e Sudeste. Presente nos domínios da Amazônia, Cerrado e Mata Atlântica, habita formações como cerrado *lato sensu*, florestas ciliares ou de galeria, florestas de terra firme, estacionais semidecíduais, savanas amazônicas e florestas inundáveis de igapó e várzea.



BREVE DESCRIÇÃO DA PLANTA: árvore de grande porte, que pode alcançar até 35 metros de altura, apresentando raízes tabulares e exsudato de coloração avermelhada. Suas folhas são simples, alternas, grandes, coriáceas, dísticas, com face adaxial glabra e face abaxial tomentosa, apresentando base cordada. As inflorescências são paniculadas, compostas por flores unissexuais, diminutas e de coloração creme. Os frutos são cápsulas deiscentes, subglobosas ou elipsoides, de coloração marrom, que, quando maduros, expõem as sementes envoltas por arilo vermelho.



ÉPOCA DE FLORAÇÃO: no Cerrado, a floração ocorre entre setembro e abril.



CARACTERÍSTICAS ECOLÓGICAS: a polinização ainda não está completamente esclarecida, mas foram registradas visitas de moscas *Ornidia obesa* (*Diptera: Syrphidae*), além de abelhas e vespas. A dispersão é predominantemente zoocórica, realizada por diversos animais silvestres, especialmente aves como tucanos (*Ramphastus* spp.) e jacus (*Penelope* spp.), mas também pode ocorrer hidrocoria, principalmente na Amazônia.



STATUS DE CONSERVAÇÃO: segundo o CNCFlora, a espécie ainda não foi avaliada quanto ao risco de ameaça.

Pimenta-de-macaco



Nome científico:

Xylopia aromatica (Lam.) Mart.

Família: Annonaceae



OCORRÊNCIA: amplamente distribuída no Brasil, ocorre no Cerrado e na Mata Atlântica. É encontrada em diversos domínios fitogeográficos, incluindo Cerrado *sensu stricto*, florestas estacional semidecidual e ombrófila. É bem adaptada a áreas de clima tropical, sendo comum em solos bem drenados e savânicos.



BREVE DESCRIÇÃO DA PLANTA: árvore que pode atingir de 4 a 12 metros de altura. Tronco cilíndrico de até 30 cm de diâmetro, recoberto por casca fina e rugosa. Folhas simples, alternadas, com formato elíptico-lanceolado, medindo entre 8 e 14 cm de comprimento, possuem aroma característico. Flores de coloração esbranquiçada a creme, discretas e com perfume marcante. Frutos alongados, semelhantes a cápsulas, que liberam sementes com arilo avermelhado, amplamente consumidas pela fauna.



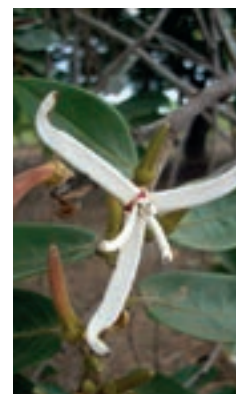
ÉPOCA DE FLORAÇÃO: a floração ocorre de setembro a novembro, com as flores atraindo polinizadores, como abelhas e pequenos insetos. A frutificação acontece entre dezembro e março, com os frutos liberando sementes que são dispersas por animais (zoocoria) e pela gravidade (barocoria).



CARACTERÍSTICAS ECOLÓGICAS: é uma espécie pioneira e desempenha um papel importante em ecossistemas de Cerrado e Mata Atlântica. Seus frutos são fonte de alimento para aves e mamíferos, que auxiliam na dispersão das sementes. Além disso, a espécie é valorizada por seu uso em programas de recuperação ambiental devido à sua resistência a condições de solo pobre e a períodos de seca.



STATUS DE CONSERVAÇÃO: de acordo com os dados disponíveis, é amplamente distribuída e não apresenta risco imediato de extinção.



Glossário

ACÚLEOS: Estruturas pontiagudas da epiderme (sem feixes vasculares).

AMENTILHOS (AMENTOS): Inflorescências pendentes, simples, com muitas flores pequenas.

ALTERNA (ESPIRALADA): Filotaxia com uma folha por nó, em hélice ao redor do caule.

ALTERNA DÍSTICA (DÍSTICA): Alterna alinhada em duas fileiras opostas num mesmo plano.

AMPLEXICAULE: Lâmina foliar abraça parcialmente o caule.

ANEMOCORIA: Dispersão de diásporos pelo vento.

AQUÊNIO: Fruto seco, indeiscente, com uma única semente solta no interior.

AZADIRACTINA: Substância do nim (*Azadirachta indica*) com ação inseticida.

BAGA: Fruto carnoso com sementes imersas na polpa.

BAINHA ABERTA: Bainha foliar que não circunda totalmente o caule.

BAROCORIA: Dispersão por gravidade (queda).

BASE DECURRENTE: Lâmina prolonga-se para baixo no pecíolo/ caule.

BIPINADA (FOLHA): Folha composta cujos folíolos estão em ráquias sobre a ráquis.

BITERNADA: Folha composta derivada de ternada, com subdivisão 3×3.

CADUCIFÓLIA: Planta que perde as folhas em certa estação.

CÁLICE: Conjunto das sépalas.

CÁLICE CAMPANULADO: Cálice em forma de sino.

CÁLICE MEMBRANÁCEO: Cálice de textura fina, semelhante a membrana.

CAPÍTULO: Inflorescência com flores sobre um receptáculo comum (ex.: Asteraceae).

CARTÁCEA: Textura de “papel”; fina e pouco espessa.

CARTILAGINOSA: Textura firme e espessa, lembrando cartilagem.

CAULIFLORIA: Flores/frutos emitidos no tronco ou ramos grossos.

CIMEIRA: Inflorescência determinada em que a flor terminal abre primeiro.

CONSPÍCUO(A): Muito visível, chamativo.

COROLA: Conjunto das pétalas.

CUPULIFORME: Em forma de pequena taça.

DAP: Diâmetro à altura do peito (1,30 m do solo).

DEISCENTE: Fruto que se abre naturalmente ao amadurecer.

DÍSTICA: Disposição em duas fileiras; ver “alterna dística”, “oposta dística”.

DOMÁCIAS: Pequenas cavidades na face inferior das folhas, abrigando ácaros benéficos.

DRUPA: Fruto carnoso com endocarpo lenhoso (caroço).

ENDOCARPO: Camada interna do fruto que envolve a semente.

ENTOMOFAUNA: Conjunto de insetos de uma região.

EQUITANTE: Lâminas sobrepostas em leque (ex.: Iridaceae).

ESTANDARTE: Pétala superior e maior em flores papilionadas (Fabaceae).

ESTAMES: Órgãos florais masculinos (filete + antera).

ESPÉCIE INVASORA: Espécie naturalizada que se espalha e causa impactos negativos.

ESPÉCIE NATURALIZADA: Exótica capaz de manter populações sem intervenção humana.

ESPINESCENTE: Com espinhos/ estruturas espiniformes.

ESTÍPULAS CADUCAS: Estípulas que caem cedo.

ESTÍPULAS CONSPÍCUAS: Estípulas bem visíveis.

FASCICULADA: Folhas agrupadas em curtos ramos (braquioplastos).

FILOTAXIA: Padrão de arranjo das folhas no caule.

FILOTRIMÍDIO: Termo não padronizado; confirmar grafia/uso na fonte.

FOLHA BIPINADA: Ver “bipinada (folha)”.

FOLHA COMPOSTA: Lâmina dividida em folíolos distintos.

FOLHA DIGITADA (PALMADA): Folíolos irradiam de um ponto comum.

FOLHA IMPARIPINADA: Folha pinada com folíolo terminal (número ímpar).

FOLHA MEMBRANÁCEA: Lâmina fina e delicada, como membrana.

FOLHA PARIPINADA: Folha pinada sem folíolo terminal (número par).

FOLHA PINADA: Folíolos dispostos ao longo da ráquis.

FOLHA SIMPLES: Uma única lâmina contínua.

FOLHA TERNADA (TRIFOLIOLADA): Com três folíolos; pode originar a biternada.

FOLHA TRIPINADA: Folha composta com três níveis de divisão.

FOLHAS CONTEMPORÂNEAS: Folhas presentes durante floração/frutificação.

FOLÍCULO: Fruto seco deiscente que abre por uma única fenda.

FOLÍOLO: Cada segmento de uma folha composta.

FOLÍOLOS SUBCORIÁCEOS: Folíolos com consistência quase coriácea.

FORMAÇÕES FLORESTAIS, SAVÂNICAS E CAMPESTRES: Conjuntos fisionômicos: florestas, savanas e campos.

FRUGÍVOROS: Organismos que se alimentam de frutos.

FUSIFORME: Em forma de fuso, afilado nas extremidades.

GLABRESCENTE: Com poucos pelos ou tornando-se glabro com a idade.

GLABRO/GLABRA: Sem pelos.

GLÂNDULAS TRANSLÚCIDAS: Pontuações claras com óleos essenciais (ex.: Myrtaceae).

HELIÓFITA: Planta adaptada a alta luminosidade.

INDEISCENTE: Fruto que não se abre espontaneamente.

INTEIRA (LÂMINA/MARGEM): Sem recortes/serrilhas.

LÂMINA FOLIAR OBLONGO-LANCEOLADA: Forma entre oblongo e lanceolado.

LENTICELAS: Poros no caule/raiz para trocas gasosas.

LOBADA (LÂMINA): Com lóbulos; recortes rasos.

MARGEM CRENADA: Borda com “meias-luas” largas.

MARGEM CRENULADA: Borda com ondulações finas e rasas.

MARGEM DENTADA: Borda com “dentes” salientes.

MARGEM INTEIRA: Borda lisa, sem recortes.

MARGEM SERRILHADA: Borda com dentes pequenos, como serra.

NECTÁRIOS EXTRAFLORAIS: Glândulas fora da flor que secretam néctar.

NÚCULAS ALADAS: Pequenas nozes com asas para dispersão.

OBOVADAS: Lâminas mais largas no ápice que na base.

OPOSTA: Filotaxia com duas folhas por nó, em lados opostos.

OPOSTA DECUSSADA: Pares sucessivos girados 90°, em cruz.

OPOSTA DÍSTICA: Pares no mesmo plano (duas fileiras).

PAINA: Fibra sedosa de certos frutos (ex.: paineira).

PALMATIFIDA: Lâmina com recortes rasos irradiando do ponto de inserção.

PALMATIPARTIDA: Lâmina com recortes médios irradiando do ponto de inserção.

PALMATISSECTA: Lâmina com recortes profundos irradiando do ponto de inserção.

PANÍCULA: Inflorescência composta e ramificada.

PEDÚNCULO: Haste que sustenta flor/inflorescência.

PECIOLADA: Com pecíolo.

PERFOLIADA: Lâmina aparentemente atravessada pelo caule.

PERENIFÓLIA: Planta que mantém folhas o ano todo.

PELOS GLANDULÍFEROS (TRICOMAS GLANDULARES): Pelos secretores de substâncias.

PILOSA: Levemente pubescente; com pelos macios e curtos.

PINAS: Segmentos primários em folhas pinadas.

PINNATIFIDA: Recortes rasos ao longo da nervura central.

PINNATIPARTIDA: Recortes médios ao longo da nervura central.

PINNATISSECTA: Recortes profundos quase até a nervura central.

PIXÍDIO: Cápsula que se abre por “tampa” transversal.

PIRIFORME: Em forma de pêra.

PONTUAÇÕES VERRUCOSAS: Pontinhos salientes na superfície.

PSEUDOFRUTO: Estrutura carnosa formada por partes além do ovário (ex.: “maçã” do caju).

PUBESCENTE: Com pelos finos e macios.

RÁQUIS: Eixo principal de folha composta/inflorescência.

RÁQUIS ALADA: Ráquis com expansões laminares (“asas”).

RÁQUILAS: Eixos secundários/ terciários em folhas/inflorescências.

RAÍZES AÉREAS: Raízes expostas acima do solo.

RAÍZES TABULARES (SAPOEMAS): Raízes laminares expostas de sustentação.

ROMBOIDAIS: Em forma de losango.

ROSULADA: Folhas dispostas em roseta basal.

SÂMARA: Fruto seco, indeiscente e alado.

SAPOEMAS: Ver “raízes tabulares”.

SECTA (LÂMINA): Recortes profundos quase até a nervura/base.

SÉPALAS: Peças do cálice, geralmente verdes.

SÉSSEIS: Sem pecíolo/pedúnculo.

SICÔNIO: Inflorescência oca típica de Ficus (o “figo”).

SEMENTE OLEAGINOSA: Semente rica em óleo.

SUBARBUSTO: Planta baixa, parcialmente lenhosa.

SUBCORIÁCEA: Quase coriácea; firme, porém não espessa.

TIRSO (TIRSOS PIRAMIDAIIS): Inflorescência mista em forma de pirâmide.

TOMENTOSO(A): Coberto por pelos densos e curtos (aveludado).

TRICOMAS GLANDULARES: Ver “pelos glandulíferos”.

TRIPINADA: Ver “folha tripinada”.

UNIFOLIOLADA: Folha composta reduzida a um folíolo (articulação visível).

VALVAS: Partes em que frutos deiscentes se separam ao abrir.

VAGEM: Fruto seco típico de leguminosas; abre-se por duas suturas.

VAGEM LENHOSA: Vagem de pericarpo endurecido.

VERTICILADA: Três ou mais folhas por nó (em verticilo).

ZOOCORIA: Dispersão de diásporos por animais.

Índice por nome científico

<i>Acrocomia aculeata</i> (Jacq.) Lodd. ex Mart.	9
<i>Albizia niopoides</i> (Spruce ex Benth.) Burkart...	10
<i>Albizia procera</i> (Roxb.) Benth.	11
<i>Anacardium occidentale</i> L.	12
<i>Anadenanthera cf. colubrina</i> (Vell.) Brenan....	13
<i>Anadenanthera cf. peregrina</i> (L.) Speg.	14
<i>Annona muricata</i> L.	15
<i>Araucaria angustifolia</i> (Bertol.) Kuntze.....	16
<i>Araucaria columnaris</i> (J.R.Forst.) Hook.	17
<i>Averrhoa bilimbi</i> L.	18
<i>Beaucarnea recurvata</i> Lem.	19
<i>Bismarckia nobilis</i> Hildebrandt & H. Wendl. ...	20
<i>Bixa orellana</i> L.	21
<i>Bombax ceiba</i> L.	22
<i>Callistemon viminalis</i> (Sol. ex Gaertn.) G.Don	23
<i>Calophyllum brasiliense</i> Cambess.	24
<i>Calycophyllum spruceanum</i> (Benth.) K.Schum.	25
<i>Caryocar brasiliense</i> Cambess.	26
<i>Cassia fistula</i> L.	27
<i>Cassia grandis</i> L.f.	28
<i>Cecropia pachystachya</i> Trécul.....	29
<i>Cedrela fissilis</i>	30
<i>Ceiba speciosa</i> (A.St.-Hil.) Ravenna.....	31
<i>Cenostigma pluviosum</i> var. <i>peltophoroides</i> (Benth.) Gagnon & G.P.Lewis.....	32
<i>Cinnamomum burmannii</i> (Nees & T.Nees) Blume.....	33
<i>Cocos nucifera</i> L.	34
<i>Copaifera langsdorffii</i> Desf.	35
<i>Corymbia citriodora</i> (Hook.) K.D.Hill & L.A.S.Johnson.....	36
<i>Couroupita guianensis</i> Aubl.	37
<i>Dalbergia nigra</i> (Vell.) Allemão ex Benth.....	38
<i>Delonix regia</i> (Bojer ex Hook.) Raf.	39
<i>Dypsis lutescens</i> (H.Wendl.) Beentje & J.Dransf.	40
<i>Enterolobium contortisiliquum</i> (Vell.) Morong	41
<i>Eugenia uniflora</i> L.	42
<i>Euterpe oleracea</i> Mart.	43
<i>Garcinia cochinchinensis</i> (Lour.) Choisy.....	44
<i>Genipa americana</i> L.	45
<i>Grevillea robusta</i> A.Cunn. ex R.Br.	46
<i>Guapurium peruvianum</i> Poir.....	47
<i>Handroanthus chrysotrichus</i> (Mart. ex DC.) Mattos	48
<i>Handroanthus impetiginosus</i> (Mart. ex DC.) Mattos	49
<i>Hymenaea longifolia</i> (Benth.) I.M.Souza, Funch & L.P.Queiroz	50

<i>Joannesia princeps</i> Vell.	51	<i>Samanea saman</i> (Jacq.) Merr.....	74
<i>Khaya ivorensis</i> A.Chev.	52	<i>Schizolobium parahyba</i> (Vell.) Blake	75
<i>Lafoensia glyptocarpa</i> Koehne	53	<i>Senegalia polyphylla</i> (DC.) Britton & Rose	76
<i>Lecythis pisonis</i> Cambess.....	54	<i>Spathodea campanulata</i> P. Beauv.	77
<i>Libidibia leiostachya</i> (Benth.) F.G.Oliveira & L.P.Queiroz.....	55	<i>Sterculia foetida</i>	78
<i>Luehea divaricata</i> Mart.....	56	<i>Sterculia striata</i> A.St.-Hil. & Naudin	79
<i>Magnolia champaca</i> (L.) Baill. ex Pierre	57	<i>Swietenia macrophylla</i> King.....	80
<i>Mauritia flexuosa</i> L.f.....	58	<i>Syagrus oleracea</i> (Mart.) Becc.....	81
<i>Melaleuca leucadendra</i> (L.) L.....	59	<i>Syagrus romanzoffiana</i> (Cham.) Glassman	82
<i>Melia azedarach</i> L.....	60	<i>Syzygium cumini</i>	83
<i>Mimosa caesalpiniiifolia</i> Benth.....	61	<i>Syzygium jambos</i> (L.) Alston	84
<i>Morus nigra</i> L.	62	<i>Tamarindus indica</i> L.	85
<i>Myroxylon peruiferum</i> L.f.....	63	<i>Terminalia argentea</i> Mart. & Zucc.....	86
<i>Ochroma pyramidale</i> (Cav. ex Lam.) Urb.....	64	<i>Terminalia mantaly</i> H.Perrier.....	87
<i>Pachira aquatica</i> Aubl.....	65	<i>Theobroma cacao</i> L.....	88
<i>Pachira glabra</i>	66	<i>Triplaris americana</i> L.....	89
<i>Paubrasilia echinata</i> (Lam.) Gagnon, H.C.Lima & G.P.Lewisa	67	<i>Virola sebifera</i> Aubl.era	90
<i>Phoenix roebelenii</i> O'Brien	68	<i>Xylopia aromatica</i> (Lam.) Mart.	91
<i>Pinus caribaea</i> Morelet	69		
<i>Platanus</i> spp.	70		
<i>Platypodium elegans</i> Vogel	71		
<i>Pleroma granulatum</i> (Desr.) D. Don	72		
<i>Plumeria pudica</i> Jacq.	73		

Referências bibliográficas

- ALBUQUERQUE, Natália Coelho Barbosa et al. (Org.). *Sementes florestais da Mata Atlântica: um guia para o manejo de espécies da Hileia Baiana* [livro eletrônico]. Teixeira de Freitas, BA: Programa Arboretum de Conservação e Restauração da Diversidade Florestal, 2022.
- CAMPOS FILHO, E.M.; SARTORELLI, P.A.R. *Guia de árvores com valor econômico*. São Paulo, SP: Agroicone, 2015.
- CAMPOS FILHO, E.M.; SARTORELLI, P.A.R. *Guia de espécies-chave para restauração florestal na região do Alto Teles Pires (MT)*. São Paulo, SP: The Nature Conservancy (TNC), 2015. 245 p.
- CARVALHO, Paulo Ernani Ramalho. *Espécies arbóreas brasileiras*. Brasília: Embrapa Informação Tecnológica; Colombo, PR: Embrapa Florestas, 2003. 1 v. (1039 p.): il. (Coleção Espécies Arbóreas Brasileiras). ISBN 85-7383-167-7.
- CARVALHO, Paulo Ernani Ramalho. *Espécies arbóreas brasileiras*. Brasília, DF: Embrapa Informação Tecnológica; Colombo, PR: Embrapa Florestas, 2006. 627 p. il. color. (Coleção Espécies Arbóreas Brasileiras, v. 2). ISBN 85-7383-373-4.
- CARVALHO, Paulo Ernani Ramalho. *Espécies arbóreas brasileiras*. Brasília, DF: Embrapa Informação Tecnológica; Colombo, PR: Embrapa Florestas, 2008. 593 p. il. color. (Coleção Espécies Arbóreas Brasileiras, v. 3). ISBN 978-85-7383-429-1.
- CARVALHO, Paulo Ernani Ramalho. *Espécies arbóreas brasileiras*. Brasília, DF: Embrapa Informação Tecnológica; Colombo, PR: Embrapa Florestas, 2010. 644 p. il. color. (Coleção Espécies Arbóreas Brasileiras, v. 4). ISBN 978-85-7383-487-1.
- CARVALHO, Paulo Ernani Ramalho. *Espécies arbóreas brasileiras*. Brasília, DF: Embrapa, 2014. 634 p. il. color. (Coleção Espécies Arbóreas Brasileiras, v. 5). ISBN 978-85-7035-338-2.
- DURIGAN, G.; FIGLIOLIA, M.B.; KAWABATA, M.; GARRIDO, M.A. de O.; BAITELLO, J.B. *Sementes e mudas de árvores tropicais*. 2. ed. São Paulo: Páginas & Letras, 2002. 65 p.
- FLORA E FUNGA DO BRASIL. *Jardim Botânico do Rio de Janeiro*. Disponível em: <http://floradobrasil.jbrj.gov.br/>. Acesso em: 3 out. 2024.
- IBGE. Diretoria de Geociências. *Árvores do Brasil Central: espécies da região geoeconômica de Brasília*. Rio de Janeiro: IBGE, 2002. v. 1. 417 p.
- INSTITUTO HÓRUS. *Base de Dados Instituto Hórus*. Disponível em: <https://bd.institutohorus.org.br/especies>. Acesso em: nov. 2024.
- LORENZI, H. *Árvores brasileiras: manual de identificação e cultivo de plantas arbóreas nativas do Brasil*. Vol. 1. 4. ed. Nova Odessa, SP: Instituto Plantarum, 2002.
- LORENZI, H. *Árvores brasileiras: manual de identificação e cultivo de plantas arbóreas nativas do Brasil*. Vol. 3. 1. ed. Nova Odessa, SP: Instituto Plantarum, 2009.
- LORENZI, H.; BACHER, L.B.; SARTORI, S.F.; LACERDA, M.T.C. *Brazilian fruits & cultivated exotics (for consuming in natura)*. São Paulo: Instituto Plantarum de Estudos da Flora, 2006. 740 p.
- LORENZI, H.; LACERDA, M.T.C. de; BACHER, L.B. *Frutas no Brasil nativas e exóticas*. São Paulo: Instituto Plantarum de Estudos da Flora, 2015. 768 p.
- LORENZI, H.; SOUZA, H.M. de; TORRES, M.A.V.; BACHER, A.B. *Árvores exóticas no Brasil: madeiras, ornamentais e aromáticas*. 1. ed. Nova Odessa, SP: Instituto Plantarum, 2003. 368 p.
- LORENZI, H.; SOUZA, H.M.; CERQUEIRA, L.S.C.; COSTA, J.T.M.; FERREIRA, E. *Palmeiras brasileiras e exóticas cultivadas*. Nova Odessa, SP: Instituto Plantarum, 2004.

- MARTINS, José Carlos; FERREIRA, Wendy Camilleli; ALVES MOREIRA, Leandro; RODRIGUES SARTORELLI, Paolo Alessandro; DE PAULO DOS SANTOS, Juliano. Florística e fitossociologia do componente arbóreo de um fragmento de mata ciliar no município de Lavras, MG. *Global Science & Technology*, v. 12, n. 2, p. 196, 2019. ISSN 1984-3801.
- MEDEIROS, J.D. *Guia de campo: vegetação de Cerrado – 500 espécies*. Brasília, DF: MMA/SBF, 2011. 532 p.
- QUEIROZ, Rubens Teixeira de. *Fabaceae do Cariri paraibano* [livro eletrônico]. Nova Xavantina, MT: Pantanal, 2021. 627 p. Formato: PDF. ISBN 978-65-88319-60-4. DOI: <https://doi.org/10.46420/9786588319604>.
- RAMOS, V.S.; DURIGAN, G.; FRANCO, G.A.D.C.; SIQUEIRA, M.F. de; RODRIGUES, R.R. *Árvores da Floresta Estacional Semidecidual: guia de identificação de espécies*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2005. 320 p.
- SAMBUICHI, R.H.R.; MIELKE, M.S.; PEREIRA, C.E. *Nossas árvores: conservação, uso e manejo de árvores nativas no sul da Bahia*. Ilhéus, BA: Universidade Estadual de Santa Cruz / Editus, 2009. 296 p.
- SARTORELLI, P.A.R.; CAMPOS FILHO, E.M.; MALTA, E. *Guia de plantas da regeneração natural do Cerrado e da Mata Atlântica*. São Paulo: Agroicone, 2017. 152 p. ISBN 978-85-5655-002-6.
- SARTORELLI, P.A.R. et al. *Guia de plantas não desejáveis na restauração florestal*. São Paulo: Agroicone, 2018. 152 p. ISBN 978-85-5655-005-7.
- SARTORELLI, P.A.R.; SILVA, J.M.S. da; GORENSTEIN, M.R.; GOMES, J.E.; ÁVILA, E.Q. de. Rebrotas após fogo de espécies arbóreas de diferentes grupos fenológicos foliares em cerrado stricto sensu. *Revista Científica Eletrônica de Engenharia Florestal*, v. 6, n. 10, p. 1678–3867, 2007.
- SARTORELLI, P.A.R.; RIBEIRO, A.; CORDEIRO, G.M.; SANGIOGO, M.; PORFÍRIO, K.P.; FERAZ FILHO, A.C. *Effectiveness of direct seeding techniques for forest restoration in a Brazilian Cerrado area*. CERNE, Lavras, v. 31, e-103503, 2025. DOI: <https://doi.org/10.1590/01047760202531013503>.
- SARTORELLI, Paolo Alessandro Rodrigues (Ed.). *Plantas dos povos da Volta Grande do Xingu*. 1. ed. Barreiras, BA: Baobá Florestal, 2018. ISBN 978-85-45549-00-0.
- SILVA JÚNIOR, M.C. da. *100 Árvores do Cerrado: guia de campo*. Brasília, DF: Rede de Sementes do Cerrado, 2005. 278 p.
- SILVA JÚNIOR, M.C. da; PEREIRA, B.A. da S. *+100 Árvores do Cerrado – matas de galeria: guia de campo*. Brasília, DF: Rede de Sementes do Cerrado, 2009. 288 p.
- SILVA JÚNIOR, M.C.; LIMA, R.M.C. *100 Árvores urbanas – Brasília: guia de campo*. Brasília, DF: Editora Rede de Sementes do Cerrado, 2010.
- SILVA JÚNIOR, M.C.; SOARES-SILVA, L.H.; CORDEIRO, A.O.O.; MUNHOZ, C.B.R. *Guia do observador de árvores: tronco, copa e folha*. Brasília, DF: Editora Rede de Sementes do Cerrado, 2014.
- SOUZA, V.C.; LORENZI, H. *Botânica sistemática: guia ilustrado para identificação das plantas nativas e exóticas do Brasil, baseado em APG III*. Nova Odessa, SP: Instituto Plantarum, 2012. 768 p.
- SPECIESLINK NETWORK. *SpeciesLink*. Disponível em: <https://specieslink.net/search>. Acesso em: 04 out. 2024.
- WORLD FLORA ONLINE. *WFOPLANTLIST*. Disponível em: <https://wfoplantlist.org/>. Acesso em: nov. 2024.

Faz pouco tempo, caminhando pelo jardim da chácara D. Teresa, fui tomado pela ideia de catalogar as árvores ali existentes – tantas e tão diversas, plantadas ao longo das últimas décadas. Esse gosto por obter mudas, pequenas árvores, e entregá-las à terra me acompanha desde os sete anos de idade, quando meu pai me chamou para ajudar no plantio de uma mangueira no quintal da casa onde morávamos, na Rua Francisco Alves, em Uberlândia. Jamais esqueci aquela cena: o cuidado, o carinho, o gesto simples que inaugurou em mim um vínculo profundo com o mundo vegetal.

Neste livro apresentamos apenas 83 espécies, não toda a coleção – algumas ainda jovens, outras excluídas por diferentes critérios.

O que hoje mais me impressiona é a maturidade do jardim: um lugar onde novas árvores nascem espontaneamente, dispersas por suas matrizes, num gesto natural de continuidade. Uma palavra resume bem esse ecossistema: cooperação. Os indivíduos facilitam a vida uns dos outros, sustentam-se mutuamente, como se o bosque respirasse em uníssono.

Agradeço imensamente aos que ajudaram a plantar e cuidar desse arboreto. E assim sigo: plantando, aprendendo e cuidando. O resto deixo para o tempo.

Paulo Daniel

